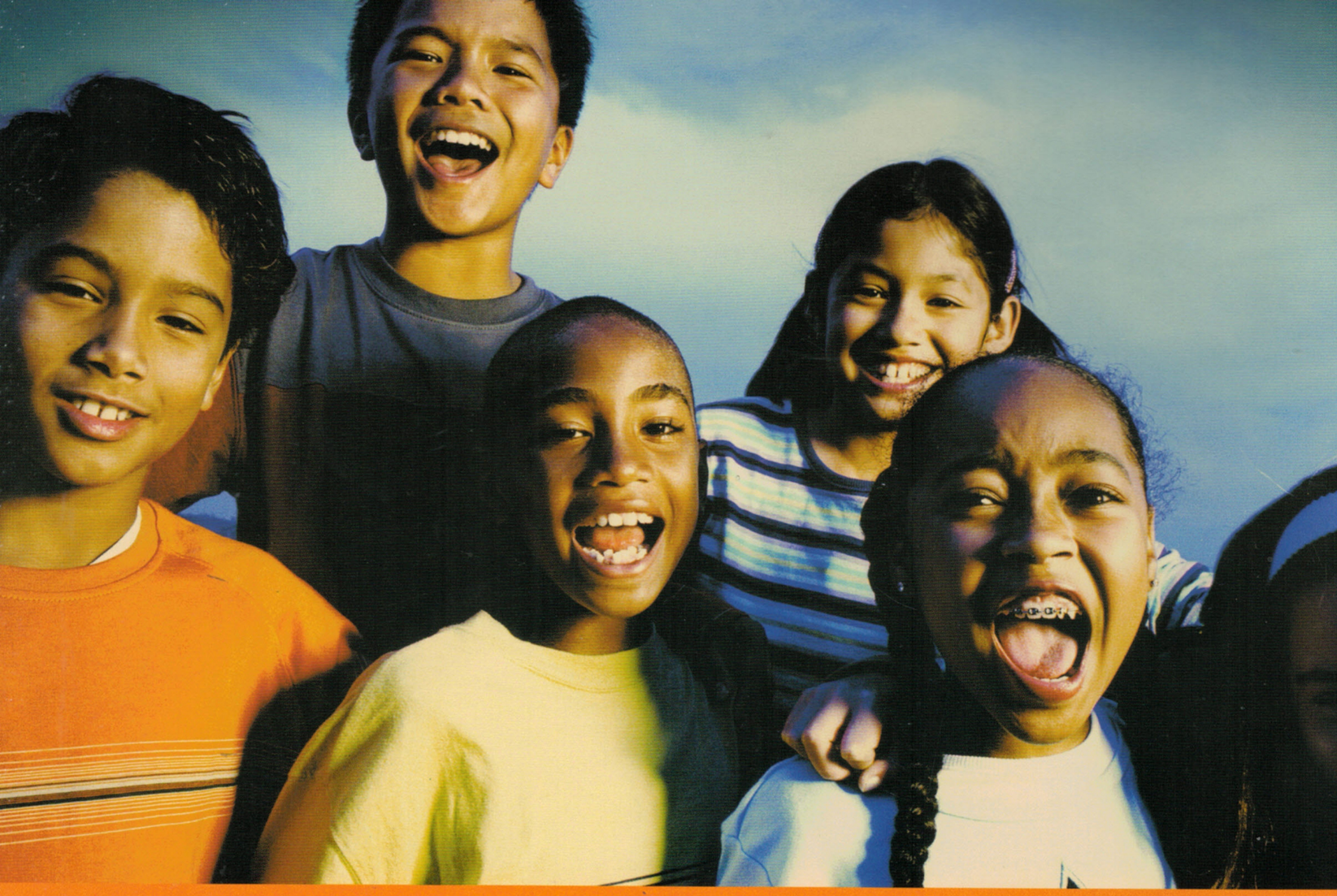
carioquice

publicação trimestral . ano I . n.4 . jan/fev/mar 20

olha, é como o verão, quente o coração,

nosso
valles
têm mai
mai



Responsabilidade Social®

Responsabilidade social é uma marca registrada na SulAmérica. Assim como a experiê
a confiança e a agilidade. Com certeza você já sabe disso. Porque a SulAmérica investe
projetos sociais, faz parte da vida das pessoas e garante a tranqüilidade de mais de 6 mil
de clientes. Quando você pensar em Seguros, Previdência ou Investimentos, conte com a SulAm

SulAmérica

associada ao ING

sulamerica.com.br

Esquina do Ricardo

sambas de verão

É pleno verão. O Rio floresce em sambas, ritmos, fantasias, sensualidade. A cidade ostenta — com orgulho — o megaespetáculo das escolas de samba, que, como nenhum outro em qualquer país do mundo, congrega o arco da sociedade. Uma sociedade tão desigual como a nossa é capaz do milagre de se encontrar fraternalmente no desfile. Dentro dele ou fora dele. Que outro espetáculo pode dar-se o luxo de exibir uma ópera carnavalesca em que os desfilantes pobres e ricos pagam suas próprias fantasias e são capazes de se organizar em alas, qual um exército muito bem treinado e sedutoramente harmônico?

O desfile encanta o mundo inteiro exatamente por exibir o lado dionisíaco e solar, numa época em que a maior parte da humanidade se proclama lunar, sombria e triste, apesar de próspera (o drama do primeiro mundo). Mas, verdade seja dita, o show é mostrado no sambódromo para um público privilegiado de turistas. Povo mesmo não tem condições de disputar ingressos tão caros e tão cobiçados. Afinal, a lei da oferta e da procura será sempre imutável, até porque os lugares são limitados pela essência do desfile, necessariamente curto em extensão.

Mas há alternativas ao grande desfile da Passarela do Samba. O Rio de Janeiro, na verdade, esboça uma virada com a volta do carnaval de rua, da festa-participação. Irrompe agora, com força comovedora, aquilo que germinava já nos últimos anos. Voltam os blocos, os velhos blocos que anunciavam o carnaval do século XIX, propulsionando hoje não apenas a revitalização do carnaval comunitário, mas também trazendo a alegria a grupos afins, a tribos específicas.

Ou seja, as vísceras carnavalescas do carioca, absorvidas nessas últimas décadas pela sedução catalisadora das escolas, abrem-se e abonam-se em novas e estimulantes manifestações coletivas.

Seus nomes moleques, catitas, maliciosos, titularizam a alegria do samba no pé, da pouca roupa, da liberdade do corpo e do copo, do dinheiro mínimo a ser gasto. No Dalai Lata (nascido em 2001), formado por jovens que usam lata como caixas e amortecedores como agogô, faz-se uma mistura de funk, reggae e jongo. O Monobloco, sensação atual da Zona Sul da cidade, pára literalmente o Jardim Botânico com seus ensaios.

Blocos como "Que merda é essa?", "Imprensa que eu gamo", "Perereca do Grajaú" fazem contraponto de descontração a outros um pouquinho mais antigos como "Simpatia é quase amor", "Suvaco de Cristo" ou "Bloco das Carmelitas".

O Rio de Janeiro, como sempre, se reinventa e qualifica seu povo, exibindo nos blocos que chegam sua face mais fraterna: a alegria e a criatividade de suas tribos. Coloridas, diversificadas, dionisíacas.

sumário

carioquice

Nº 4 JAN/FEV/MAR 2005

É som, é sal, é mar

4 Êta viola ensolarada!

14 O samba de cara nova

18 MPB de A a Z

Pitaco

20 Millôr à Vera

Magia do olhar

22 A gênese da fantasia

32 Fragmentos de um cenário solar

Saga carioca

38 Liberdade, seu nome é Moreyra

48 E Lan criou a mulata

56 Madureira chorou Zaquia

60 Memórias de um cafajeste

Cidade maravilhosa

68 A sétima maravilha do Rio

74 Carnaval é uma espécie de mediunidade

Causos & letras

80 Poema do carioca doido (Manu Çaruê, por Geraldo Carneiro)

84 Conversa de botequim

Do bem comer e melhor beber

88 Mania de especiaria

Embaixador do Rio

92 Aquele outro abraço, por Gilberto Gil

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITOR GERAL
Sérgio Costa

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento

ARTE
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Marcus Neves

CAPA
Foto de Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71/14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Funchal, 513 / conj. 32 · Vila Olímpia · SP ·
Cep 045551-060 · Tel/Fax: (11) 3848.6544
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)

Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

PUBLICIS SALLES NORTON
Bradesco cuida
e uma coisa muito
aliosa pra você:
seu tempo.
e Fácil, Internet Banking, Débito Automático,
esco Dia e Noite e a maior rede de Agências
aís. O Bradesco tem os mais completos
iços de Conveniência pra você usar o seu
o na hora que quiser, do jeito que preferir.
w.bradesco.com.br
Bradesco

Êta viola ensolarada!

fotos adriana lorete

Pensou em Helô Pinheiro, Ipanema, Vinícius e Tom, errou longe quem apostou na onipresente canção. A verdadeira garota da Bossa Nova se banhava no Arpoador e se chamava Duda Cavalcanti. A música é "Samba de verão" e também virou um dos hinos do Brasil. Seu autor, Marcos Valle, contou essas e outras histórias em uma conversa com Ricardo Cravo Albin e os amigos de Carioquice, Henrique Luz e Eva Mariani, na sede do ICCA.

Editores da Carioquice — Para começar: você teve mesmo um Corcel cor de mel? (risos)
Marcos Valle — Não! (risos) Na verdade, nem existia. Era para rimar. Só que a Ford, por causa do sucesso da música, lançou mesmo um modelo desta cor. Mas nunca me deram nada, não!

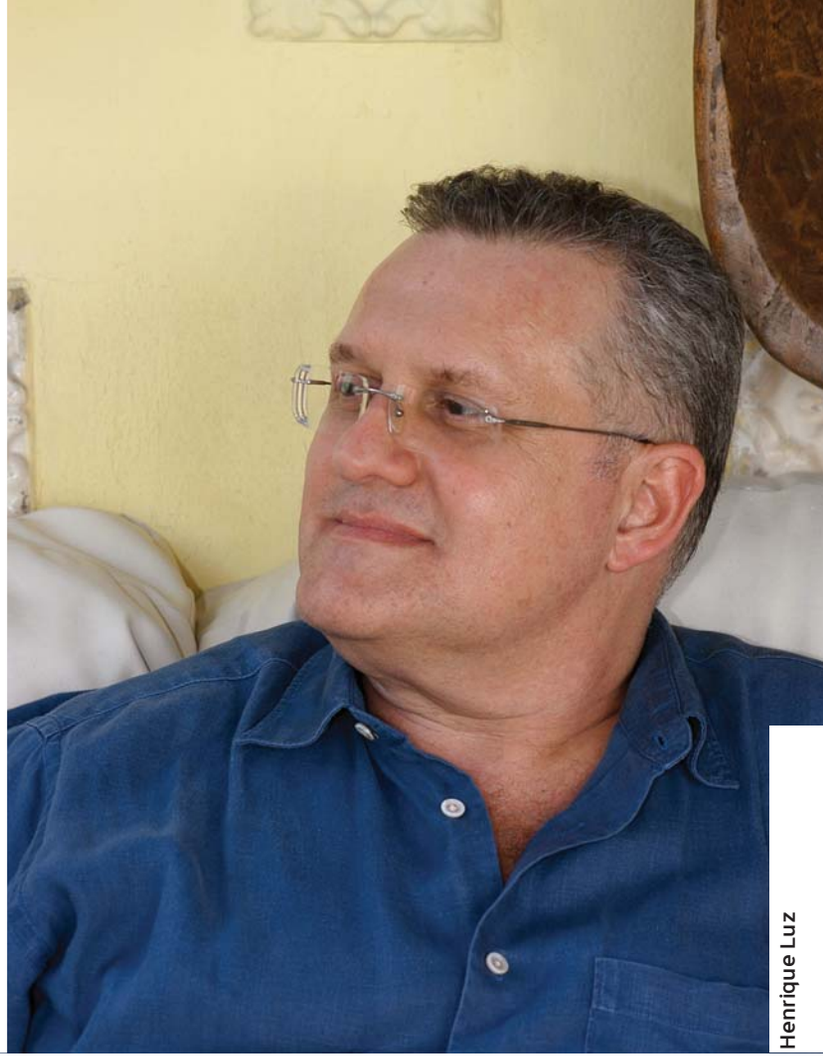
Editores da Carioquice — E como foi o início na música?
Marcos Valle — Meu pai é advogado, mas minha avó era professora de piano e minha mãe tocava. Antes de escutar samba, escutava baião e aprendi acordeão por causa disso. Eu tinha estudado com o Edu Lobo no Colégio Santo Inácio. Um dia reencontro o Edu, ele com um violão na mão. Falamos sobre música, ele disse que era muito amigo do Dori Caymmi e propôs um encontro. Foi uma empatia total. Fizemos um trio e tocamos em alguns programas de televisão, eu no piano e os dois no violão. Isto foi em 1962. Por intermédio do Edu fui levado à minha primeira reunião na casa de Ary Barroso. Nem acreditei! Chegamos lá e estavam o Ary e toda a trupe: o Carlinhos Lyra, Roberto Menescal, Baden Powell, Lúcio Rangel, Ronaldo Bôscoli...

Ricardo Cravo Albin — Foi ali que se tirou a célebre foto do encontro do Ary Barroso com a Bossa Nova.
Marcos Valle — Foi exatamente nessa tarde! É uma foto clássica! Todo mundo em escadinha... Fiquei ali no meio, de fã ardoroso. Era muito tímido! Não ousei tocar, fiquei ouvindo, ouvindo, me deliciando com aquilo...

Ricardo Cravo Albin

Marcos Valle

Eva Mariani


Henrique Luz

Ricardo Cravo Albin — Os grandes nomes eram Ronaldo Bôscoli, Carlos Lyra, Menescal, Tom, Vinicius e João Gilberto.

Marcos Valle — Sim, e fomos a segunda geração. Depois, na casa do Vinicius, teve uma segunda reunião. No final da noite peguei o violão e toquei. O Lula Freire, filho do senador Vitorino Freire, disse que eu tinha de tocar na casa dele para o Tamba Trio. Ele tinha certeza de que eles gravariam minha música. Achei que ele estava louco... Uma semana depois, teve o encontro. Chegaram Hélcio, Luizinho e Bebeto e disseram: "Olha, menino, o Lula disse que você tem uma música, vamos ouvir, mas o disco tá cheio!" Quando toquei "Sonho de Maria", eles disseram que tiravam qualquer música para incluí-la... Fingi que ia ao banheiro, corri para o telefone e liguei para o Paulo Sérgio: "Cara, você não vai acreditar no que aconteceu! O Tamba Trio vai gravar nossa música". Foi uma loucura.

Ricardo Cravo Albin — E como surgiu o trabalho com o Tom?

Marcos Valle — Um dia o Menescal, que também foi uma pessoa maravilhosa para o início de minha carreira, me levou à gravadora Odeon. O diretor era o Milton Miranda. Toquei minhas músicas e, quando terminei, o Milton disse: "Olha, aqui ninguém vai gravar as músicas!" Pensei que não tinha agradado. "É você quem vai gravar! Vamos assinar um contrato". E ainda completou: "Quem tem de fazer os arranjos é o Tom Jobim". Parecia que eu estava vivendo um sonho! Fui à casa do Tom. Ele foi maravilhoso comigo. Ouviu as músicas e perguntou: "Você tem essas músicas escritas?" "Não!", eu disse. "Mas por que você não escreveu?" "Porque não sei escrever!"

Ricardo Cravo Albin — Como você guardava as músicas? Na cabeça?
Marcos Valle — Eu registrava em gravador. E o Tom disse: "Então você vai aprender a escrever hoje!" Me levou para o quarto do filho, o Paulinho, pegou caneta, papel e fez assim: "Enquanto você não escrever a primeira música, não sai daqui hoje!" (risos) Então, além de tudo ele me ensinou a escrever a minha primeira partitura.

Ricardo Cravo Albin — Qual foi?
Marcos Valle — "Sonho de Maria". Só que o Tom tinha um sítio, para onde ele ia e às vezes não voltava... Foi para lá, ficou, Milton disse que não podia esperar e que entraria um garoto que tocava com o Menescal. Era o Eumir Deodato. A mesma empatia que tive com o Edu e com o Dori senti com o Eumir, que fez meus quatro ou cinco primeiros discos.

A musa

"Quando eu tinha uns treze para quatorze anos, descobri na minha escola uma menina belíssima, a Duda Cavalcanti. Um dia eu estava na praia e ela vem descalça, de maiô, com um cachorrinho. Parei: 'Meu Deus do céu, essa é a coisa mais bonita que já vi na minha vida!' 'Samba de verão' foi muito inspirado nesta cena."

Henrique Luz — Consta que em um programa de televisão você teria incorporado o Cauby Peixoto. Conta essa história...
Marcos Valle — A TV Record convidou a mim e ao Milton Nascimento, que tinha gravado "Viola Enluarada", para apresentar um programa e fomos gravar um piloto. Eu era tímido e o Milton mais ainda. Nos vestiram de smoking e disseram que teríamos de ser engraçados. "O que vocês fazem? Sabem imitar alguém?" "Eu imito o Cauby!", disse. "E você?" "Imito a Dalva de Oliveira", disse o Milton. "Então vocês vão fazer esse número cantando Ave Maria". A cena era ridícula. Ainda bem que a gravação nunca foi ao ar...

Henrique Luz — Certa vez houve uma festa em Hollywood, não sei se na casa do Quincy Jones ou de quem mais. Sei que você estava tocando...
Marcos Valle — Foi em uma festa na casa de um empresário riquíssimo. Um piano aqui, um violão ali, microfones caindo do teto... Estavam Quincy Jones, Laurindo de Almeida, Henry Mancini, Petula Clark... Na percussão, tocando muito mal, estava o Marlon Brando, já muito gordo. Minha mulher era morena, bem carioca. No fim da festa o Marlon a puxou, mandou papo. Ela, mal humorada com essas coisas, me diz: "Esse filho da puta acaba de me dar uma cantada!" Parti para cima dele, queria dar porrada, mas não deixaram...

Henrique Luz — O Andy Williams tinha um programa em rede nacional na TV americana. Recebeu, em ocasiões diversas, Tom, Dori, Sérgio Mendes e você.
Marcos Valle — Fui como convidado especial. Ainda nos ensaios, como eu ia tocar o "Samba de Verão", que havia estourado nos Estados Unidos como "Summer Samba", levei meu baixista,

No estúdio, em 1965

A musa Duda Cavalcanti

Com Eumir Deodato, em 1967

Fotos de divulgação do disco Samba 68, em 1967

o Zelão, do Walter Wanderley Trio. Ele ia dar um molho, me segurar no meio da orquestra. No dia do ensaio sou apresentado ao maestro, que era o famoso Nelson Riddle. E quando o Riddle falou que o baixista dele era simplesmente o Ray Brown, o Zelão sumiu! Se trancou no banheiro... E todo mundo rindo, inclusive o Riddle...

Ricardo Cravo Albin — E o Zelão tocou?
Marcos Valle — Tocou! O Ray deu um abraço nele, deu força...

Editores da Carioquice — Você tinha vinte e poucos anos, já estava em rede nacional nos Estados Unidos e nas paradas de sucesso...
Marcos Valle — Só que fiquei com tantas saudades do Brasil que voltei. Tinha tudo para ficar lá, fazer minha carreira lá. Muitos ficaram, mas eu não conseguia. E tinha um sonho toda noite com uma ponte que saía da minha casa e que, quando chegava do outro lado, estava em Ipanema... E quando recebia cartas do Rio, chorava... Não conseguia mais fazer música.

Eva Mariani — Em que ano foi isso?
Marcos Valle — Em 1968. Por isso "Viola enluarada" veio numa vertente de problema social, aquelas coisas todas. Mas tinha saudades de estar vivendo, de estar participando daquelas coisas. O pau estava comendo aqui.

Editores da Carioquice — A sua música até então tem sabor e som de mar....
Marcos Valle — É... Ali é outra coisa. Quando voltei estava vivendo aquele momento dificílimo aqui no Brasil. Então...

Eva Mariani — E a música "Não confie em ninguém com mais de trinta"? Como você encara isso hoje?

Marcos Valle — Naquela época, a gente estava falando que os que tinham mais de trinta anos, trinta cruzeiros, trinta conselhos, ou eram aqueles milionários que não estavam ligando pra ninguém ou aqueles que vinham cheios de conselhos para a garotada, se achando os donos da verdade. Hoje, depois de ler um artigo da Martha Ribeiro sobre a música, vejo que ela somou ao que queríamos dizer. Ou seja, depois dos trinta a gente vai ficando tão tranqüilo, tão ponderado, que não procura mais a novidade, a paixão.

Henrique Luz — O Dori Caymmi, há dois ou três anos, no Mistura Fina, elucidou uma injustiça de mais de trinta anos...

Marcos Valle — É verdade... Tenho até hoje um piano que minha mãe me deu há quarenta anos. É um Petrov. Ali todo mundo tocava. Tom, Beth Carvalho. O Dori ia muito lá com o Jorge Amado, amigo do papai. Só que um dia derramaram guaraná no piano, e já no dia seguinte as teclas colaram. Deu um trabalho monumental. Sempre achei que tinha sido o Osmar Milito, outro que ia muito lá em casa. Um dia tem um show do Dori no Mistura Fina, e ele faz questão de convidar minha mãe. No meio do show o Dori diz: "Bom, Dona Lizelote, quero lhe fazer uma confissão. Pedir desculpas por aquele dia em que derramei guaraná no seu piano." Eu digo: "Mas não foi o Osmar Milito?" "Não, fui eu!" Isto tudo no meio do show, um diálogo completamente doido!

Com Paulo Sergio Valle em show no Canecão, em 1969

Editores da Carioquice — Você tem essa paixão pelo Rio, isso está claro na sua música. Mas você tem umas três ou quatro fases nos Estados Unidos?

Marcos Valle — A primeira vez estive a convite do Sérgio Mendes. Foi interessante, mas com um ano encerrei. A segunda foi quando o "Samba de verão" estourou. Surgiram todos esses programas de TV e achei importante aproveitar. A terceira ida, uma permanência ótima, que nunca entendi como consegui ficar tanto tempo, foi em 1975. Fiquei cinco anos. Estava casado com minha segunda mulher, e chateado com o ambiente político, as músicas sendo censuradas. Fiquei mais tímido no palco ainda, a não querer cantar.

Editores da Carioquice — Você teve músicas censuradas?

Marcos Valle — Várias. Totalmente ou mutiladas. Em "Black is beautiful", por exemplo, tem uma hora que fala assim: "Que melhore o meu sangue europeu..." "Melhore, não! Você não pode melhorar!" "Por quê?" "Você está colocando um problema racial!" Então ficou: "Que se integre no meu sangue europeu". Outra música se chamava "Mui hermosa", em que a gente falava: "Com esse sangue nas veias você há de parir quatro varões". Eles cortaram. "Parir junto com outra palavra é palavrão!", disseram. Quase falei para cortar filho, porque com outra palavra também vira palavrão!

Eva Mariani — Hoje você tem feito várias turnês na Europa. Em que países você se apresenta mais?
Marcos Valle — França, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Dinamarca, Suécia. Tudo! Acabei de fazer uma turnê muito legal de festivais de verão. Tudo para seis, sete mil pessoas. O público que me segue lá é jovem, de 15 a 30 anos, que gosta de dançar mas não com música feita para dançar. Eles gostam de Quincy Jones, Stevie Wonder, Ray Charles. Foi aí que minha música entrou, porque ela tem ritmo mas tem harmonia, melodia. Na Europa, "Os grilos", que gravei em 1968, é tão importante quanto "Samba de verão". Foi gravada como "Crickets sing for Anamaria" por uma ex-Spice Girl, a Emma Bunton. Estourou, e fiquei sabendo depois pela Joyce... Puxou todo esse interesse dos DJs, da garotada de música eletrônica, desse público novo. No Japão, onde também faço turnês, já lançaram tudo o que fiz na EMI. E na Europa já devo ter uns dezesseis discos.

Ricardo Cravo Albin — O "Samba de verão" é uma música emblemática do Rio. Foi feita dentro do verão? Tem tudo a ver...
Marcos Valle — Foi feita quando eu ainda surfava. O surf é verão. Mas tem uma história. Quando eu tinha uns treze para quatorze anos, descobri na minha escola uma menina belíssima, a Duda Cavalcanti. Namoramos. Um dia eu estava na praia e ela vem descalça, de maiô, com um cachorrinho. Parei: "Meu Deus do céu, essa é a coisa mais bonita que já vi na minha vida!" "Samba de verão" foi muito inspirado nesta cena.

Carioquice — Você também fez "Ao amigo Tom". Se você tivesse que escrever alguma coisa para o Tom hoje, como seria?
Marcos Valle — Dorival Caymmi e Tom Jobim foram meus grandes mestres, depois do baião. Meus encontros com o Tom sempre foram os mais maravilhosos, os mais estimulantes. Não consigo conviver com a morte dele. Muitas vezes em que estou fazendo música olho para um busto do Tom que ganhei certa vez, junto com outros compositores, e pergunto: "Será que é isso mesmo? Está bonito?" Mas se pudesse falar com o Tom, diria: "Marca um lugar para mim pertinho para a gente ficar, para conversarmos outras vezes".

Editores da Carioquice — E as releituras da Bossa Nova?
Marcos Valle — É tudo! A música brasileira entrou mesmo forte e com possibilidade de abertura para vários tipos de Bossa Nova. Tem muita gente fazendo coisa diferente: Bossacucanova, Adriana Calcanhoto, Max de Castro, Bebel Gilberto, Celso Fonseca. Fico muito feliz de ter contribuído, ter feito esse elo. Adoro a Bossa Nova da minha época, mas também adoro estar em contato com esse pessoal novo. Acho que a Bossa Nova vai em frente...

O segredo está no equilíbrio

Ainda hoje as pessoas se perguntam se é possível viver um casamento perfeito, uma relação só de qualidades, com muita harmonia, muito prazer e muita realização. Será que o ser humano é capaz de manter uma união saudável?

Acredito que sim. O segredo está em manter o equilíbrio entre os pólos opostos, o yin e o yang, o dar e o receber, o falar e o ouvir, aceitando a própria personalidade e a do parceiro, o que obviamente implica a habilidade em lidar com os defeitos de cada um.

O casamento saudável é o que se apóia na verdade, é o que consegue superar dificuldades com companheirismo, muita conversa, respeito e amor.

O mundo está cheio de casais inseguros porque fingem e mentem. São pessoas que fazem coisas que não querem e nas quais não acreditam só para não aborrecer o companheiro. Assumem durante um bom tempo de convivência um jeito de ser que não é o seu, ou seja, sufocam a personalidade e se anulam para se tornar o que o companheiro espera.

Já o casal saudável, feliz, é o que assume os seus altos e baixos, tem suas brigas e períodos de intolerância e irritabilidade. Quando um está em crise, ela é respeitada pelo outro, que espera o momento certo para se aproximar. Por isso mesmo, essa dupla também apresenta uma capacidade incrível de fazer reparos, enfrentar problemas e manter um alto grau de admiração e respeito pela individualidade de cada um. São pessoas que aplaudem o crescimento de seus pares. O sucesso alheio não traz ameaça. Ao contrário, só faz ampliar o desejo. A sexualidade, por causa disso, é viva e vigorosa. Existe transparência, cumplicidade e franqueza na relação. Esse é o modelo que tem tudo para dar certo.

Homens e mulheres com esse perfil conseguem reconhecer quando a relação precisa de um estímulo e quando há necessidade de tirar férias conjugais. Não se culpam, nem conversam em tom de ameaça. Dividem responsabilidades e fazem planos juntos. Respeitam-se porque têm boa auto-estima. Esse grau de parceria só traz crescimento para os dois.

A sexualidade mostra períodos de maior vibração intercalados com outros de menor interesse sexual, mas o que importa é a qualidade do relacionamento. Não existe preocupação com o grau de satisfação, muito menos com o desempenho. O nível de sintonia e entendimento nesses casais facilita orgasmos intensos, e o grau de descontração e bem-estar estimula o desejo, independentemente do tempo que vivem juntos. Isso também faz parte do equilíbrio na vida a dois.

Doutor Moacir Costa – médico psicoterapeuta
Autor do livro Amar Bem – Editora Gente

PROJETO AMAR BEM

Caro leitor: Caso tenha dúvidas sobre "sexo", ligue GRÁTIS para **0800 770 6543**, de 2ª a 6ª, das 10 às 18h. O atendimento é realizado por médico ou psicólogo.
Para saber mais, acesse o site: ***www.projetoamarbem.com.br***

O samba de cara nova

por Kelly Nascimento

Nelson Sargento já profetizava: "o samba agoniza mas não morre". Os novos sambistas não o deixam mentir. Na árvore genealógica do ritmo, eles mostram que herdaram a majestade dos bambas de outrora e inauguram um novo capítulo na história do samba. É a nova guarda quem pede passagem. Sábio Sargento.

A Lapa de hoje tem um quê da Praça Onze no início do século passado. Lá o samba reina absoluto. E se o revitalizado reduto da boemia carioca fosse um filme, a trilha sonora seria entoada pela voz de Teresa Cristina. Das apresentações "descompromissadas" nas noites de sábado no Bar Semente, a moça tímida do subúrbio se viu eleita figura-símbolo da nova geração do samba. Não pode negar que teve sua parcela de culpa ao cantar com tanto esmero o repertório de Paulinho da Viola.

Teresa e o samba se reencontram graças à melodia de um disco de Candeia, "Samba de roda", que seu pai colocava para ela ouvir quando era criança. Os ouvidos, acostumados a muita música estrangeira, se voltaram àquela sonoridade diferente. "Redescobri esse disco aos 26 anos. Foi um choque cultural. Ouvi e me apaixonei", recorda. De Candeia veio a inspiração para se arriscar no mundo do samba. Pesquisou as raízes do ritmo e sua evolução ao longo do tem-

Teresa Cristina e Grupo Semente

Sururu na Roda

po. Teve a idéia de montar um show só com o repertório do sambista, que acabou não passando de um projeto. Foi quando topou com os rapazes que formariam o grupo Semente e entrou de vez na cadência do samba.

Nesta empreitada, o contato com nomes como Wilson Moreira, amigo de Candeia, foi fundamental. Por intermédio dele conheceu a Velha Guarda da Portela. "Passei a persegui-los", brinca Teresa. Por essa época surgiu o convite para gravar um CD em homenagem ao ícone portelense. "Foi muito bom poder mergulhar na vida do Paulinho (da Viola). Eu evoluo com meus ídolos", explica Teresa, ciente de seus próximos passos. "Ainda tenho muito chão pela frente. Preciso me enriquecer mais culturalmente para aprimorar minha música cada vez mais", diz, em meio a planos de retomar o curso de Letras na Uerj.

Diploma de sambista

Universidade? Sim, para a nova geração, o aprimoramento pode vir da forma mais tradicional, numa universidade, com direito a prova, diploma e tudo mais. Se antes as parcerias eram formadas em bares, agora são feitas na sala de aula. Foi assim com Camila Costa e Nilze Carvalho. O grupo Sururu na Roda nasceu na Escola de Música da UniRio. "Juntar sensibilidade e teoria é maravilhoso. Quem ganha é o próprio samba. Isso demonstra cuidado e valoriza o ritmo", defende Nilze do alto de seus mais de 20 anos de experiência tocando ao redor do mundo, do choro ao jazz, passando pela Bossa Nova e pelo samba-canção. Conhecida no meio musical como menina prodígio, Nilze começou a tocar cavaquinho aos cinco anos, de ouvido, seguindo os passos de seu pai, que também é músico. Até hoje há quem lembre de suas incursões em progra-

mas de televisão, onde era apresentada como fenômeno do cavaquinho.

A ligação da parceira Camila com a música também vem da infância. Só que não era bem samba o que ela ouvia. "Lá em casa sempre se escutou música brasileira em geral. Cresci ao som de Elis, Tom, Nara Leão", diz. A paixão pela dança ajudou a aprimorar o gosto musical. "Aos dois anos comecei a fazer balé e tive a sorte de ter aulas com uma professora que tocava piano". Acabou trocando as sapatilhas pelo violão. "Peguei emprestado o violão do meu irmão e nunca mais larguei!", relembra. As feições de meninas da dupla não tem nada a ver com falta de experiência. Aos 14 anos Camila já cantava e tocava profissionalmente na noite.

Também tendo passado por vários estilos musicais antes de chegar ao samba, o que incluiu até uma banda que só tocava os *hits* americanos das décadas de 60 e 70. Mas a tônica sempre foi a música brasileira, da Bossa ao rock dos anos 80. O contato aprofundado com samba, choro e maxixe só se daria ao conhecer Nilze. O momento não poderia ser mais propício: a Lapa ganhava novos bares onde a principal atração seria a música ao vivo de qualidade.

Logo surgiu uma oportunidade para tocar numas dessas casas. Escolheram um nome às pressas para produzir material de divulgação. Na correria, alguém sugeriu "Sururu de Capote" e todos aceitaram. "As pessoas ligavam para o Empório 100 para confirmar se era o Sururu de Capote que ia mesmo se apresentar. A gente estranhou um número tão alto de reservas. Só depois caiu a ficha que o nome, que soava familiar, era da antiga banda do Djavan", Camila se

Pagode Jazz Sardinha's Club

Teresa Cristina e Grupo Semente

Sururu na Roda

Pagode Jazz Sardinha's Club

diverte contando. Substituíram o "capote" pela "roda" — numa alusão ao ritmo que é o carro-chefe do grupo — e estava resolvido o problema.

Mas nem só de Teresa Cristina, Nilze e Camila vive a Lapa. A rapaziada do Pagode Jazz Sardinha's Club também cumpriu essa etapa "obrigatória" da nova geração: tocou no bairro por dois anos, atraindo semanalmente cerca de mil pessoas para o Rio Scenarium. O grupo foi criado em 1997, mas a dobradinha Eduardo Neves-Rodrigo Lessa vem de outros tempos. São amigos de adolescência, quando começaram a compor juntos. "Encontrei o samba na porta de casa, pelos bares da Zona Sul", conta Eduardo. Já Rodrigo, que começou a tocar bandolim aos 16, se define como parte de uma das camadas da nova geração que se interessou pelo choro. Formou-se em Economia mas atendeu ao chamado da música.

A sonoridade singular, marca registrada do grupo, é fruto da fusão de ritmos como samba, choro, funk e jazz. "A visão brasileira é antropofágica. Nossa mistura vem daí", teoriza o economista do samba. O "pagode" deles refere-se ao sentido original da palavra — uma festa, reunião de pessoas em torno de uma música — esquecido em tempos de incursões paulistas no samba.

Na concepção de Rodrigo, o samba é o objeto direto ideal para dois verbos: manter e mudar. É este último que ele prefere conjugar. "A capacidade de transformação é que faz o samba ser a ponta-de-lança da música brasileira", define. Para ele, a roda de samba que eles fazem hoje está diretamente ligada àquela que Tia Ciata organizava na Praça Onze. "Nossa missão é trazer esse espírito de mistura e ousadia ao cenário da música. É a metamorfose que nos faz eternos", sentencia.

A missão nem sempre é fácil. E às vezes talento e juventude não bastam. Prova disso é que nem todos se sentem à vontade para se proclamar sambista. "Prefiro não me rotular de nada. Sou apenas uma amante de música brasileira", diz a modesta Teresa, explicando que os grupos de samba de sua geração às vezes se acham em meio a um fogo-cruzado. "Sei que há quem conteste nossa legitimidade por não sermos cria direta de escola de samba. Somos novos no samba, mas a herança vem de muito tempo e aprendemos com ela", completa.

Gaiato, Eduardo Neves afirma que seu estilo musical é o "pagode-jazz", para depois se definir como sambista. Já Nilze não se incomoda tanto: "daqui a pouco me rotulam de outra coisa. Vou acumulando títulos". Enquanto Camila se diz orgulhosa de fazer parte dessa nova geração. "Sou carioca, o samba é a cara do Rio. É muito bom poder provar que o samba não é estático. É isso que a gente comprova", defende. Alguém ainda duvida?

MPB de a a Z

Finalmente a Constituição de todas as canções. De quebra, movimentos musicais, compositores e histórias sem fim. A MPB ganhará seu primeiro dicionário impresso, resultado de parceria entre os institutos Cultural Cravo Albin (ICCA) e Houaiss. É a versão "real" do Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, hoje disponível somente no mundo virtual, no endereço www.dicionariompb.com.br.

É como se fosse um duo de pandeiro e cavaquinho. O encontro de Ricardo Cravo Albin, autor da idéia e presidente do ICCA, e Francisco Melo Franco, que dirige o Instituto Houaiss, foi fundamental para a realização do projeto. Interesses em comum — a paixão pela cultura e, em especial, pela MPB — foram responsáveis pela aproximação dos dois dicionaristas. "Vínhamos germinando esse sonho há quase dois anos", conta Cravo Albin, que se encarregará da supervisão do trabalho.

A parceria, com a qualidade de um dicioná-

Houaiss: sinônimo para dicionários

A marca Houaiss, hoje referência em dicionários, é resultado da paixão de um carioca filho de libaneses pela língua portuguesa. Antônio Houaiss fez do amor ao idioma sua missão no mundo e a ele dedicou toda uma vida. Foi lexicógrafo, tradutor, diplomata, Ministro da Cultura e presidente da Academia Brasileira de Letras. Mas nunca deixou de lecionar o português, atividade que iniciou aos 16 anos.

Escreveu 19 livros e organizou duas das enciclopédias mais importantes do Brasil: a Delta-Larousse e a Mirador Internacional. Mas elegeu como seu maior desafio a elaboração do mais completo dicionário de português. Assim surgiria o Houaiss da Língua Portuguesa, o primeiro filho de uma série de dicionários.

Com a morte de Houaiss em 1999, uma equipe de especialistas formaria o Instituto Antônio Houaiss. A continuidade do trabalho estava garantida. E a família Houaiss foi crescendo: ganhou os dicionários de Sinônimos, de Verbos e a versão eletrônica do da Língua Portuguesa. Não há dúvidas de que o caçula da turma será bem-vindo.

Millôr à vera

A editora de Carioquice perseguiu Millôr Fernandes por toda a cidade maravilhosa. Queria de qualquer forma que Vão Gogo fosse a capa da revista. Acuado e já sem alternativa, o humorista-tradutor-pintor-dramaturgo-escritor aplicou um drible espetacular, conforme pode ser visto na pequena obra-prima ao lado. Tudo bem, Millôr. Dessa vez passa. Só não concordamos com o paradoxo da autocrítica. Qualquer manifestação ou aparecimento seu, Millôr, são no mínimo geniais.

Cara Vera, há muito
me retirei, convencido
de que qualquer aparecimento
ou manifestação minha,
são, pelo menos, ridículos.

Abraço

Millôr

À VERA (DE VERDADE)

M.

a gênese da fantasia

fotos adriana lorete texto haroldo costa

O espaço ocupado por um barracão de escola de samba não tem medida nem área definida. Ele se multiplica em função da imaginação, dos desejos, da esperança e do empenho de todos que estão envolvidos em transformar o nada em tudo.

Paraíso do Tuiutí

Por mais que se diga que os desfiles não são mais os mesmos – e não poderiam ser – é inegável que a matéria prima não se alterou nem perdeu sua integridade. E a matéria prima são as mãos do artesão, os dedos da bordadeira, a habilidade do ferreiro, a precisão do carpinteiro e o delírio do carnavalesco. Tudo isto se mistura num enorme caldeirão de fazer inveja ao "aprendiz de feiticeiro". Na verdade eles não são aprendizes, são os feiticeiros. Com uma enorme carga ancestral que se dilui em cada movimento, em cada solução, em cada desafio, tudo dentro do barracão tem vida ou nela se transforma.

Beija Flor de Nilópolis
Paraíso do Tuiuti

Imperatriz Leopoldinense

Imperatriz Leopoldinense

Caprichosos de Pilares

Portela

Imperatriz Leopoldinense

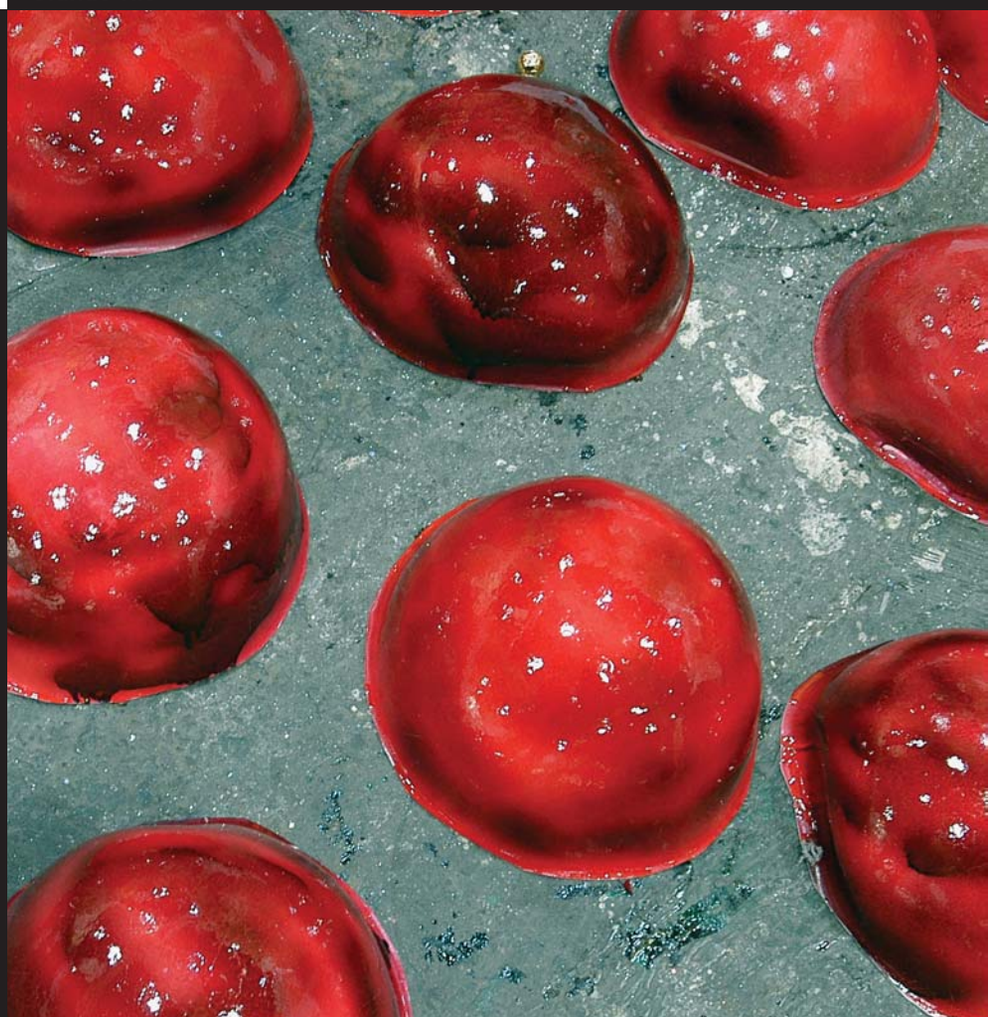
Esta área que constrói os sonhos mais impensados, tem a mística do uso que pode ser múltiplo. Com a mesma denominação pode abrigar cerimônias dos ritos afro-brasileiros ou festas do calendário junino. Sua função é recriadora, absorvendo a alma e o saber populares e dando-lhes a dimensão absoluta. Cada pessoa que exerce uma função dentro do barracão não se apresenta dentro dos seus limites, porque o passado e as informações estéticas que ela possui estão muito além do que se possa imaginar ou antever. São gerações que, de uma maneira ou de outra, se desenvolveram dando a sua contribuição para a criação coletiva. Daí a intimidade com o material, convencional ou não, que é manuseado com toda propriedade, engenho e arte.

Grande Rio

Beija Flor de Nilópolis

Império Serrano

Grande Rio

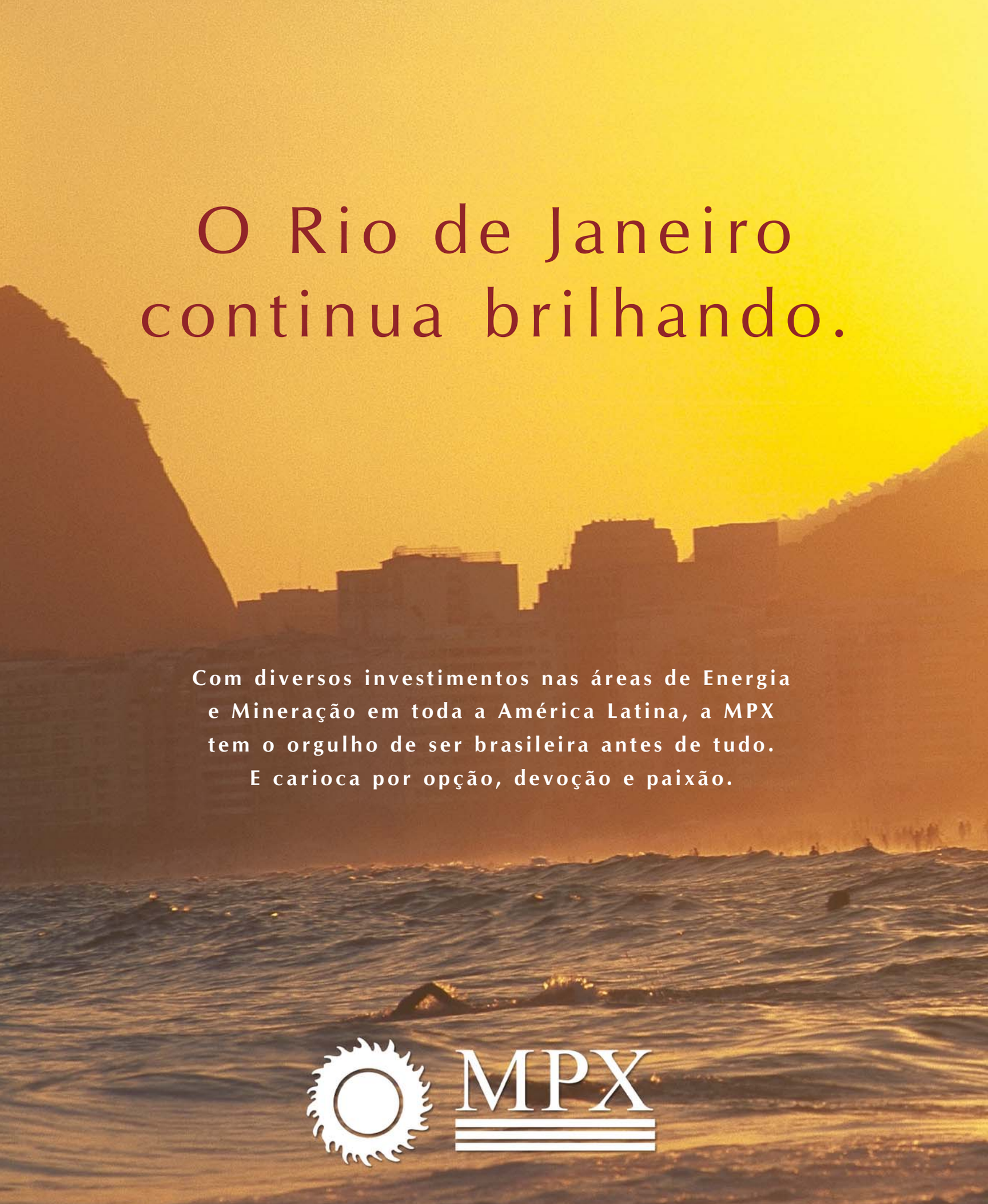


Ao apreciar estas fotos, nos deparamos com a integridade entre o que trabalha e o que é trabalhado. Não há como negar que há uma certa simbiose, uma sinergia que conduz à integração, que acontece espontaneamente, sem condução externa, a não ser a certeza do que está sendo feito.

Ao chegar ao local do desfile, no repto dos 85 minutos, as fantasias, alegorias e adereços que, juntos com o samba, vão contar o propósito do enredo, trazem consigo naquela mistura de madeira, isopor, ferro, cola, prego e brilho, histórias de anônimos. Seu suor, suas noites mal dormidas, sua ansiedade, também fazem parte do carnaval, desde o barracão.

Caprichosos de Pilares

Portela


O Rio de Janeiro
continua brilhando.
Com diversos investimentos nas áreas de Energia
e Mineração em toda a América Latina, a MPX
tem o orgulho de ser brasileira antes de tudo.
E carioca por opção, devoção e paixão.
MPX

Fragmentos de um cenário solar

Fotos **Marcelo Carnaval e Sergio Rossi**

Rio que mora no mar/ Sorrio pro meu Rio que tem no seu mar/ Lindas flores que nascem morenas em jardim de sol/ Rio, serras de veludo/ Sorrio pro meu Rio que sorri de tudo... A canção de Menescal e Bôscoli reza que o Deus da orla mora nos detalhes. Carioquice foi atrás dessas delicadezas perdidas no grande anfiteatro do mar. Cenários dentro de um grande cenário. De brinde, uma brincadeira: encontre seu par perfeito entre música e praia.

“Vem chegando o verão/ Um calor no coração/ Essa magia colorida/ Coisas da vida...”
“Uma noite e meia”, Marina Lima

“Há tanta vida lá fora, aqui dentro/ Sempre como uma onda no mar/ Como uma onda no mar...”
“Como uma onda”, Nélson Motta

"Abusam do colírio e dos óculos escuros/ São turistas assim como você e o seu vizinho..."
"Tribalistas", Tribalistas

"Meu escritório é na praia/ Eu tô sempre na área/ Mas eu não sou da tua laia não..."
Zóio de Lula, Charlie Brown Jr.

“Pois bem, cheguei/ Quero ficar bem à vontade/ Na verdade, eu sou assim/ Descobridor dos sete mares...”
“Descobridor dos sete mares”, Lulu Santos

“A vontade é contar mentira/ É se espreguiçar/ Deitar na areia da praia...”
“João Valentão”, Dorival Caymmi

"A novidade veio dar a praia/ Na qualidade rara de sereia/ Metade o busto de uma deusa maia..."
"A Novidade", Paralamas do Sucesso

"...me mandei pra praia de Maria Angu/ Mas fiquei na intenção/ Camarão tá caro pra chuchu..."
"Camarão com chuchu", Nei Lopes

“...sob o sol do Rio/ Na poesia dos velhos carnavais/ Ou na beleza do Arpoador...”

“Sob o sol do Rio”, Flávio Venturini

“Separa um lugar nessa areia/ Nós vamos chacoalhar a sua aldeia...”

“Nós vamos invadir sua praia”, Ultraje a Rigor

Liberdade, seu nome é Moreyra

por Vera de Souza e Sérgio Costa

Rua Xavier da Silveira, 99, Copacabana, anos 40. Policiais invadem a casa dizendo-se em busca de armas e de boletins subversivos. A dona da casa resiste. "Não entregarei as minhas armas. Com elas defenderei o Brasil", e se põe de braços abertos em frente a uma porta fechada. Os policiais a empurram, e mal a porta se escancara se entreolham surpresos. Séria, a mulher aponta para os berços onde dormiam três netos e diz: "Estas são as minhas armas. Eles é que vão defender o Brasil!" O nome dela é Eugênia. A família, os Moreyra.

Eugênia e Álvaro Moreyra em família

O fio da meada desse clã libertário, contestador e vanguardista, que escreveu algumas das páginas mais notáveis da crônica desta cidade, começa há quase um século. Mais precisamente em 1912, quando Eugênia, nascida Brandão, veio, ainda jovem, de Juiz de Fora para o Rio. Bonita, talentosa e irreverente no comportamento e modo de vestir, foi a primeira mulher a trabalhar na imprensa brasileira. Não sem causar estranheza dentro e fora das redações. Com 16 anos, conseguiu emprego como repórter no jornal "A Rua". Dois anos depois, surgiu a notícia que tinha se retirado para um convento, desgostosa. Mas não havia qualquer desilusão naquele seu ato. Alguns dias mais tarde, tudo se explicaria. Eugênia ficara por 48 horas no Asilo Bom Pastor para desvendar a história de uma mulher

Eugênia Moreyra, retratada em 1931
pelo pintor russo Dimitri Ismailovitch

Álvaro Moreyra (o primeiro à esquerda) e Eugênia Moreyra (de preto), com os pintores João Ribeiro, Tarsila do Amaral, Angelina Agostini, Pettoruti e Oswaldo Goeldi e os escritores Oswald de Andrade e Augusto Frederico Schmidt

que lá se refugiara depois do assassinato brutal da irmã. Foi a consagração da profissional e o começo da trajetória de uma mulher que não brilhou só no jornalismo, mas também nas artes, na política e na vida pessoal.

Mas voltemos no tempo. Dois anos antes da entrada triunfal de Eugênia — ainda Brandão — em nossa história, um outro protagonista definitivo faz sua discreta aparição no enredo do clã. Álvaro Moreyra, o primeiro, dá as caras por essas praias em 1910, já tendo iniciado seu curso de Direito e suas atividades jornalísticas. Chegou, olhou e foi passar algum tempo na Europa. No retorno ao Rio, após breve intervalo, conheceu aquela que, como ele dizia, seria a mulher de sua vida: Eugênia. Nas cartas trocadas pelos dois, ele sempre se dirigiu a ela dizendo: "minha mais que perfeita". Impossível falar de um, sem falar do outro. Do conhecimento, em 1914, à vida comum, passam-se poucos meses. No ano seguinte, nasceria Ysia, a primogênita do casal, que teve mais sete filhos: Sandro Luciano, João Paulo, Álvaro Samuel, Colette e Rosa, além de Valdo e Maria da Graça, que morreram pequenos. O casal se complementava até em suas diferenças. Eugênia, alta; Álvaro, baixo. Ela mais prática; ele, romântico. Tal-

vez por isso uma união perfeita em seus 34 anos.

Em 1918, a vida de Alvinho — como era conhecido — passa por uma mudança. Depois de deixar a "Fon-Fon", onde ganhava muito pouco, e amargar um período de desemprego, quando escreveu o livro de versos "A lenda das rosas", ele assume, com J. Carlos, a direção da revista "Para Todos", título que depois viria a comprar. É nesse período que se firma como um brilhante cronista. Sua busca pela renovação estética o torna um precursor do Modernismo. Muito antes da Semana de 22, ele e Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho e Ribeiro Couto formam o Núcleo do Rio. E é nas páginas de "Para Todos", com um olhar contemporâneo, que se podia conhecer os experimentos de novos autores e artistas plásticos.

Todas as expressões artísticas juntas ainda seriam poucas para a fome de mudança e renovação do casal. A cena teatral, que nos anos 20 era ocupada por companhias estrangeiras, verá nascer, em 1927, um movimento quase subversivo do teatro brasileiro com a criação do Teatro de Brinquedo. Em novembro daquele ano, estrearia no palco do Cassino Beira-Mar, no Passeio Público, a peça "Adão, Eva e outros membros da família", escrita por Álvaro. O espetáculo chamou a atenção pelos cenários feitos por Di Cavalcanti e Luiz Peixoto e, também, por contar com atores praticamente desconhecidos. Álvaro e Eugênia trouxeram à cena, entre outros, autores como Pirandello e Cocteau e, ainda, revelaram talentos como Joracy Camargo.

Grande amigo do casal, Paschoal Carlos Magno escreveu sobre a importância dos dois para as artes cênicas. O resultado desse trabalho frutificaria na criação do Teatro do Estudante e, mais tarde, em tantos outros grupos importantes pelo país, como o Dulcina. Sobre Eugênia, diria que não havia quem conhecesse tantas peças como

Álvaro Moreyra

Eugênia chegando à solenidade de posse do presidente Eurico Gaspar Dutra, como representante do Partido Comunista Brasileiro

ela, lendo-as ou traduzindo-as. E mais, cantava e decantava o seu empenho na construção da Casa do Estudante, carregando tijolos, vendendo livros e buscando contribuições com os endinheirados, tudo isso com muito bom humor.

Apesar do sucesso da Casa do Estudante, havia aqueles que a criticavam ferozmente. Paschoal conta uma das historias que bem demonstram o estado de espírito de Eugênia. "Como saíamos juntos quase que diariamente, esmolando para nossa causa, disse-me um dia: 'menino, deixe de bobagens e olhe essa gente toda sem olhos de ditador'. Como não compreendesse a frase, insistiu: 'a vida inteira você vai encontrar resistência, oposição, perseguição. Só os ditadores é que gostam de maioria'".

Com o fim do Teatro de Brinquedo, Álvaro montaria a Companhia de Arte Dramática Álvaro Moreyra, em 1937, que além de espetáculos apresentava palestras sobre a história do teatro, conhecidas como "tardes culturais". Mas as perseguições políticas ao casal fizeram com que em 1938 encerrassem definitivamente as atividades teatrais.

Antes, no final dos anos 20, o casal se converteria ao Partido Comunista. E o endereço da Rua Xavier da Silveira, nº 99, que já abrigara a semente do Modernismo e as discussões teatrais, agora respirava política. Militante ativa do PCB, Eugênia tinha em Álvaro um fiel escudeiro. Álvaro diria a esse respeito que "ficaria estranho que Eugênia saísse para os comícios (em locais, às vezes, perigosos) e o marido ficasse em casa, fritando bolinhos". Em 1933, um jovem político foi morar com eles. Carlos Lacerda. Os pais haviam se separado, ele não queria morar com nenhum dos dois. Tinha, em Álvaro, algo como um segundo pai. Enquanto durou essa hospedagem filial, até os idos de 1937, Lacerda foi um ótimo professor para Eugênia — acredite, se quiser — de teoria marxista. Em 1938, virou a casaca, como se dizia à época, e chutou radicalmente o marxismo para escanteio. Eugênia jamais o perdoou por essa traição.

Com os rumos que a política tomou em 1935, a casa da Xavier da Silveira passou a ser um alvo permanente. E Eugênia muito visada. Mesmo antes de seu confinamento entre 1935 e 1936,

"O Mário Cabral sempre tocava na casa dos meus avós nos fins de tarde. Havia um homem que entrava, sentava num sofá e ficava ouvindo. Um dia perguntaram à Eugênia quem era ele, que entrava e saía sem cumprimentar ninguém. E ela respondeu: 'não sabemos, mas ele gosta tanto de ouvir o Mário...'"

Sandra Moreyra

prestou vários depoimentos à polícia. Num deles, os jornais descreveriam, à época, que "ao receber o convite para ir até à Polícia Central, se muniu de rouge e alguns charutos cubanos". Nessa ocasião negou ser comunista e, ao ser perguntada se fazia parte da Aliança Nacional Libertadora, respondeu: "não, mas estou plenamente de acordo com o seu programa".

Pouco depois ficaria presa na Casa de Detenção, na famosa sala 4, em companhia de Olga Benário, Maria Werneck, Beatriz Ryff e Eneida de Moraes. Em 1948, quando Eugênia morreu, Eneida lembraria emocionada da amiga que sempre mantinha a cela arrumada e não deixava ninguém cair em depressão. "Nem mesmo durante a greve de fome. E quando passamos a receber coisas de casa, pedia cigarros, mas também o tricô para acabar uma blusa para a filha Colette".

Líder da União Feminina, Eugênia, apesar de toda militância, mantinha o bom humor, como se pode ver na criação de novos versos para músicas consagradas, como: "Praia maravilhosa/ Cheia de balas mil/ Vermelha e radiosa/ Redentora do Brasil" (sobre Cidade Maravilhosa, de André Filho – 1935), ou "As granadas vêm caindo/ Incendiando o meu quartel/ Os soldados resistindo/ Há valentes a granel" (sobre "O orvalho vem caindo", de Noel Rosa e Kid Pepe, 1933).

Com a instalação do Estado Novo, em 1937, o nº 99 foi invadido várias vezes e o casal foi preso seguidamente. Toda vez que ouvia no rádio sobre alguma baderna no Rio, Álvaro avisava a Eugênia: "arruma nossa malinha que vamos ter visita". Não dava outra.

Em 1945, novos ares. Prestes ganha a liberdade, o PC é legalizado e até Pablo Neruda visita os Moreyra. Isso dura pouco. Em 1947, o partido cai na clandestinidade. Mas a essa altura o que preocupava o bunker do nº 99 era o estado de saúde de Eugênia. Ela morreria no ano seguinte, em 16 de junho. Perda irreparável.

A efervescência daquela casa se turvou. O local que já fora freqüentado por Oscar Niemeyer, Vinícius de Moraes, Jorge Amado, Tarsila do Amaral, Lúcio Costa, Rubem Braga, Graciliano Ramos, Pagu, entre outros, em fervorosos bate-papos, acompanhados pelos panelões de lentilha ou feijoada, preparados por Eugênia, não era mais nem sombra dos bons tempos.

A neta, Sandra Moreyra, fala sobre uma das tantas histórias passadas lá: "A Eneida Moraes contava que o Mário Cabral sempre tocava na casa de meus avós nos fins de tarde. Havia um homem que entrava, sentava num sofá e ficava ouvindo. Um dia perguntou à Eugênia quem era ele, que sempre entrava e saía sem cumprimentar ninguém. E ela respondeu: 'não sabemos, mas ele gosta tanto de ouvir o Mário...'".

Em 1959, Álvaro foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na cadeira de número 21. Sobre isso, seu filho Sandro, uma das glórias do jornalismo esportivo de todos os tempos, diria que ele não havia ingressado antes na Casa de Machado por causa de Eugênia.

Sandro Moreyra (atrás, de camisa escura), na redação do JB nos anos 70: time de craques

"Ela não admitia ver papai tomando chá com um bando de velhos".

O escritor que acabou sucumbindo ao apelo dos amigos, ganhou seu fardão do então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Sobre o traje, Sandro contou que na saída da posse, quando todos foram a um restaurante famoso, ele disse ao filho: "Estou igual a um porteiro de edifício".

Mas a política ainda lhe causaria aborrecimentos até o final da vida. No governo JK, foi convidado a ser adido cultural na Itália. Era um grande sonho, pois poderia voltar a Florença, cidade que adorava. Havia, contudo, a exigência que o escritor passasse uns dias em Nova Iorque — onde o governo já havia lhe negado, em 1954, sua ida para o Escritório de Propaganda e Expansão Cultural do Brasil. Dessa vez, teria que assinar um formulário declarando que não tinha nenhuma ideologia política. Revoltou-se e desistiu do cargo.

Em 1960, novos problemas. Lacerda toma posse no governo da Guanabara e Álvaro é acusado de ter sido um dos professores da Escola do Povo, em 1957. Na época, Álvaro declarou que não acreditava que Lacerda tivesse interesse em ressuscitar processos contra os comunistas "uma vez que o próprio governador deve estar envolvido em vários deles".

Por fim, em primeiro de abril de 1964, três oficiais foram à sua casa e o convidaram a depor. Sandro Moreyra contava que o pai pediu a um dos oficiais tirasse o quepe, pois estavam numa residência civil e que só sairia dali arrastado. O filho procurou o irmão de Lacerda, Maurício, explicou toda a história e disse do absurdo de toda aquela situação. Minutos depois, chegaria outro oficial e pediria desculpas pelo mal entendido. Sandro acreditava que a política tinha sido a principal causa da morte do pai, como declarou em uma entrevista: "um dia ele me disse que depois de lutar toda uma vida pela democracia e pelos direitos humanos, acabava numa ditadura daquela espécie". O autor de "As amargas, não?", morreu em setembro de 1964. Mas a saga familiar de brilhantes jornalistas continuou com Sandro e suas duas filhas, Eugênia e Sandra.

Botafoguense até a medula

General Severiano, campo do Botafogo, final dos anos 20. O roupeiro do clube, Neném Prancha, que se tornaria técnico e o maior filósofo do futebol brasileiro, está às voltas com a missão de erguer um muro em torno da sede. Recruta dois garotos de uma turma. Um deles é Sandro Moreyra. O outro, João Saldanha.

Não poderia começar de maneira mais sólida a paixão que uniu este Moreyra ao alvinegro carioca. Paixão que ficou mais do que evidente nos tempos em que Sandro se destacou como um dos maiores jornalistas esportivos brasileiros.

Sandro entrou para o jornalismo em 1946, na Tribuna Popular, órgão do PCB. Depois de uma passagem pelo Diário da Noite, entrou para o Jornal do Brasil em 1958, de onde nunca saiu.

Cobriu o futebol brasileiro em sua fase mais gloriosa, e quando a proximidade entre repórter e jogadores era total. "A partir do momento em que as concentrações da Seleção Brasileira passaram a ser policiadas por militares, em 1970 e outras vezes depois, criou-se uma barreira entre o repórter e o jogador e o nosso jornalismo se formalizou", queixou-se ele, certa vez.

Entre as dezenas de craques de sua época, Sandro foi amigo e compadre de ídolos como Garrincha, Nílton Santos e o goleiro Manga.

Com a filha Sandra, nos anos 60

Cobriu oito copas do Mundo, de 1954 a 1986. Histórias, claro, não faltam. Em 1970, Carlinhos Niemeyer não tinha onde ficar e no hotel em que Sandro estava só havia um apartamento, reservado para a equipe de uma TV americana. Não teve dúvidas. Telefonou para a recepção com um estranho sotaque, identificando-se como o chefe da equipe e cancelando a reserva. Carlinhos ganhou o quarto e gerência do hotel não entendeu nada quando a equipe americana apareceu, revoltada com o cancelamento da reserva.

De suas cartas para a família pode-se escrever até uma crônica premonitória, desde o fim da liberdade ao futebol arte brasileiro, a partir da Copa da Alemanha, em 1974, até o fracasso no Estádio Sarriá, na Copa da Espanha, em 1982.

Sandro Morreu em 1987.

Cartas das Copas

Viña del Mar, 31 de maio de 1962

"O Brasil já ganhou a primeira e vai ganhar todas as outras. Continue rezando para que a Copa seja nossa. Hoje devem sair as notas do teu colégio e espero que você tenha tirado uma boa colocação".

Guadalajara, 3 de junho de 1970

"...Filhoca, cada vez que escrevo mais saudades eu sinto. Está quase na hora de ir para o estádio, estou louco para que o jogo comece logo. Pelos jogadores, que são meus amigos, quero vencer. Temos de ganhar a primeira, para ficar mais fácil a classificação".

Hannover, 24 de junho de 1974

"(...) A coisa está difícil. Tecnicamente continuamos os melhores do mundo, mas os europeus estão encontrando um jeito de barrar a nossa arte com uma velocidade só possível em quem tem saúde há várias gerações. Marcam o campo inteiro e não deixam espaço para se jogar".

Barcelona, 3 de julho de 1982

"Falta pouco para ganhar a Copa. Se não houver excesso de máscara ela é nossa".

Guadalajara, 7 de junho de 1986

"...Guadalajara de hoje pouco tem da cidade de 16 anos passados. (...) Completam o novo ambiente automóveis engarrafados, buzinas, poluição, Julio Iglesias, Roberto Carlos e José José, que esbravejam o dia inteiro pelas lojas de discos. (...) Juntem-se a tudo isto a Seleção, que joga mal, mas faz gol e ganha...".

Inovar é simples.
Basta chegar sempre
30 Horas adiantado.

Você quer imprimir um talão de cheques no sábado à tarde.

Quer investir em ações de madrugada pela Internet.

Quer ser avisado pelo celular toda vez que seu cartão de crédito é usado, que sua conta corrente é movimentada ou que seu seguro vai vencer.*

Quer ter os melhores estrategistas financeiros à sua disposição do outro lado da linha.

O Unibanco mima você com o atendimento mais atencioso e toda a tecnologia 30 Horas.

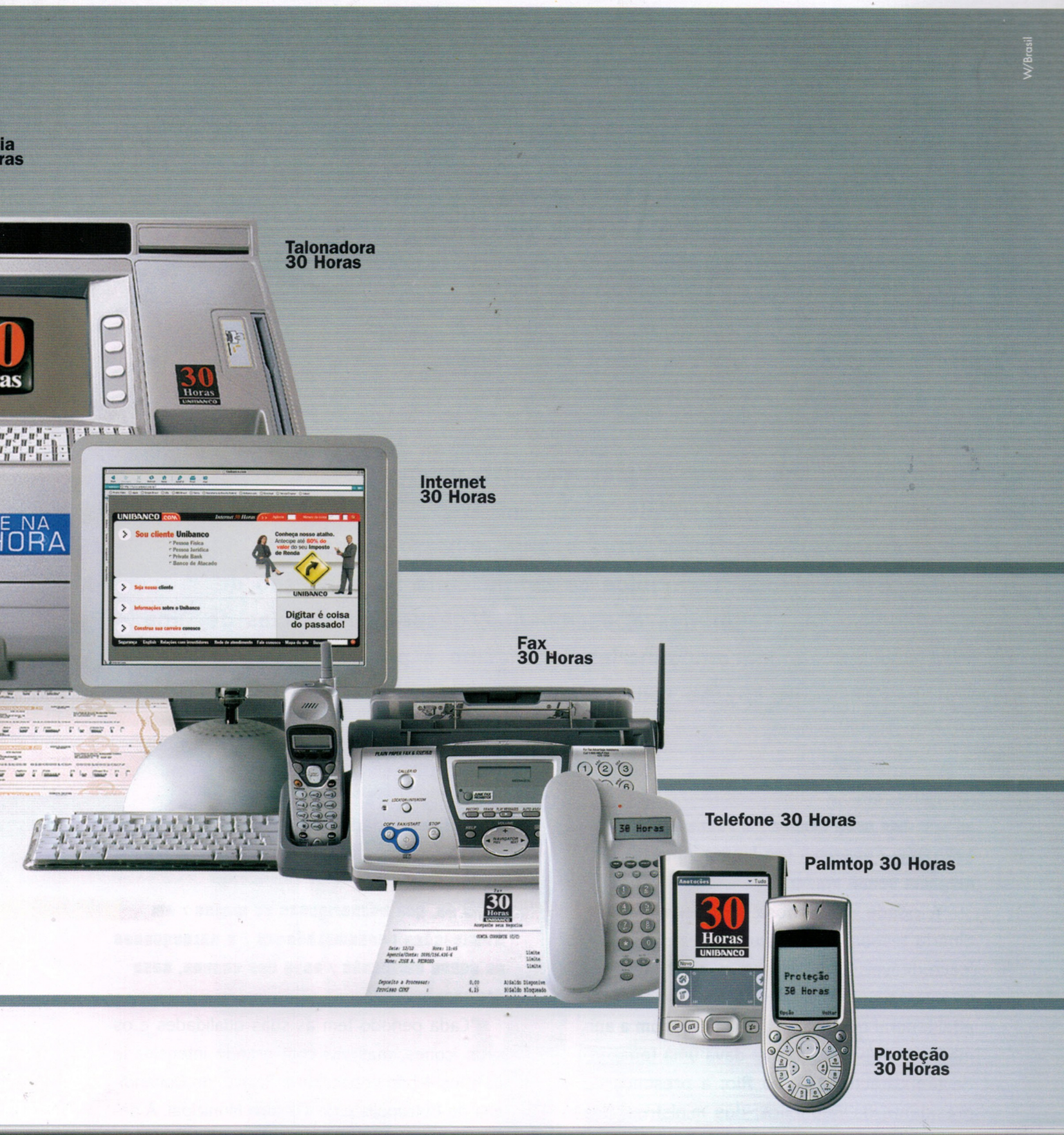
É para isso que o Unibanco trabalhou nos últimos 80 anos.

E vai continuar trabalhando 30 Horas por dia.

*Serviço sujeito às condições técnicas do aparelho e da operadora de telefonia celular.

UNIBAN

www.unibanco.com



W/Brasil

80 anos inovando para você.

E Lan criou a mulata

POR **Vera de Souza**

E a mulata, toda faceira e assanhada, quem diria, confundiu-se com o próprio criador, até um ponto em que a criatura e seu traço mágico passaram a ser um só. Depois dos pincéis e do guache, aos 80 anos Lan vai extrair da própria costela a recriação de um símbolo carioca, desta vez usando a técnica do pastel. Os resultados dessa nova fase de criação nós vemos aqui. Parece pouco. Mas qualquer mudança na perfeição é muito. A mulata sabe.

Tarde de verão no Rio, seguimos para encontrar Lan em seu sítio de Pedro do Rio, distrito de Petrópolis. Um verdadeiro oásis. Há mais de trinta anos Lan vive nesta casa — onde fica também seu atelier — ao lado da esposa, Olívia, e de seu fiel escudeiro, o vira-lata Mikail Alexandrov Bakunin, que nos recebeu efusivamente.

Não poderia deixar de perguntar a esse verdadeiro carioca da gema: por que a opção de viver na serra? Ele explica que subiu há 30 anos por problemas de saúde, mas que continua amando o Rio. "Estar aqui é como estar numa varanda, olhando o espetáculo do dia 31 de dezembro. E não tem bala perdida!". Mas confessa que, freqüentemente vem ao Rio. Como diz, "não posso viver muito afastado da Portela e do Flamengo, minhas paixões".

Às vésperas de seus 80 anos, dia 18 de fevereiro, e mais de 50 de Rio de Janeiro, Lanfranco Aldo Ricardo Vaselli Cortelini Rossi Rossini, ou apenas Lan, soube, na harmonia de seu tra-

“Estava de passagem, o Samuel Wainer tinha me contratado para ficar no Brasil e, quando vi o Rio me apaixonei. E estou casado com a cidade e dou demonstrações de fidelidade absoluta desde então”

ço, retratar com humor, refinamento, simplicidade e sensibilidade as maiores paixões do nosso povo: futebol, samba e mulatas. Mas o que vem fazendo agora o artista?

"Tenho 60 anos de imprensa e minha visão não é mais aquela, mas descobri aos 80 anos um novo caminho, o pastel. Estou adorando". Ele mostra seus novos trabalhos, onde a tônica, claro, são as belas mulatas. Uma delas, revelada em sonho. Porque, como ele mesmo diz, "quando um homem olha para uma mulher bonita, sonha". Os novos trabalhos começarão a ser expostos este ano no Brasil, em Buenos Aires e em Paris, no ano do Brasil na França. A série dedicada às mulheres ele intitulou de "Memórias de um octogenário". E explica que sempre desenhou de memória, nunca tendo pedido a ninguém para posar.

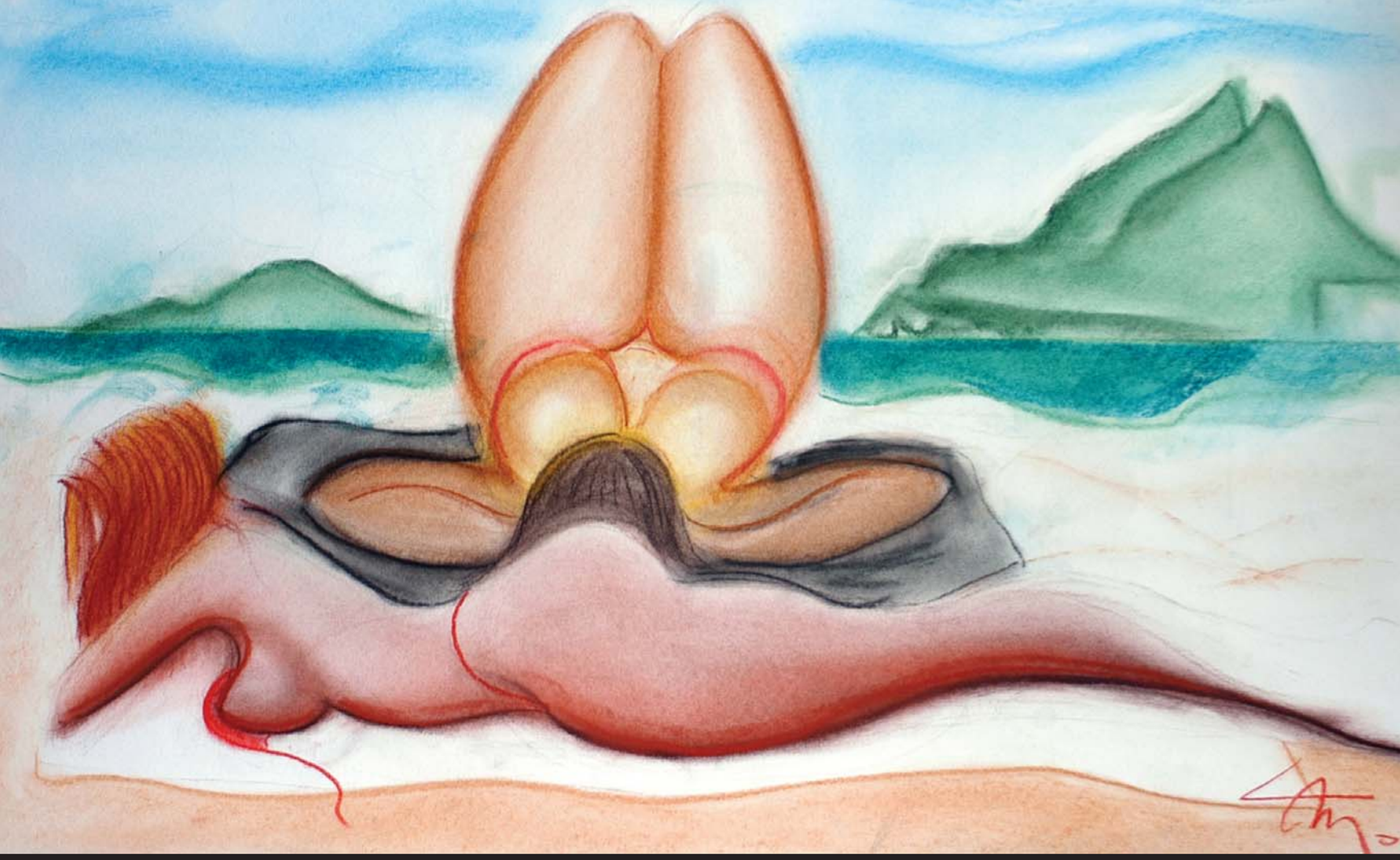
Mas como surgiu a paixão pelas mulatas curvilíneas que povoam suas criações? Pasmem, não foi uma carioca quem desencadeou a paixão, e sim uma filha de italiano com eritréia, bailarina da companhia de Catarina Duncan, que conheceu em Buenos Aires. "Não preciso falar da beleza! Olhos rasgados, verdes, nariz pequeno! E uma tonalidade de pele dourada..." Lan ressalva que a eritréia, embora não sendo considerada raça negra, na verdade é. E depois, no Rio, ele conclui: "temos uma fartura maravilhosa".

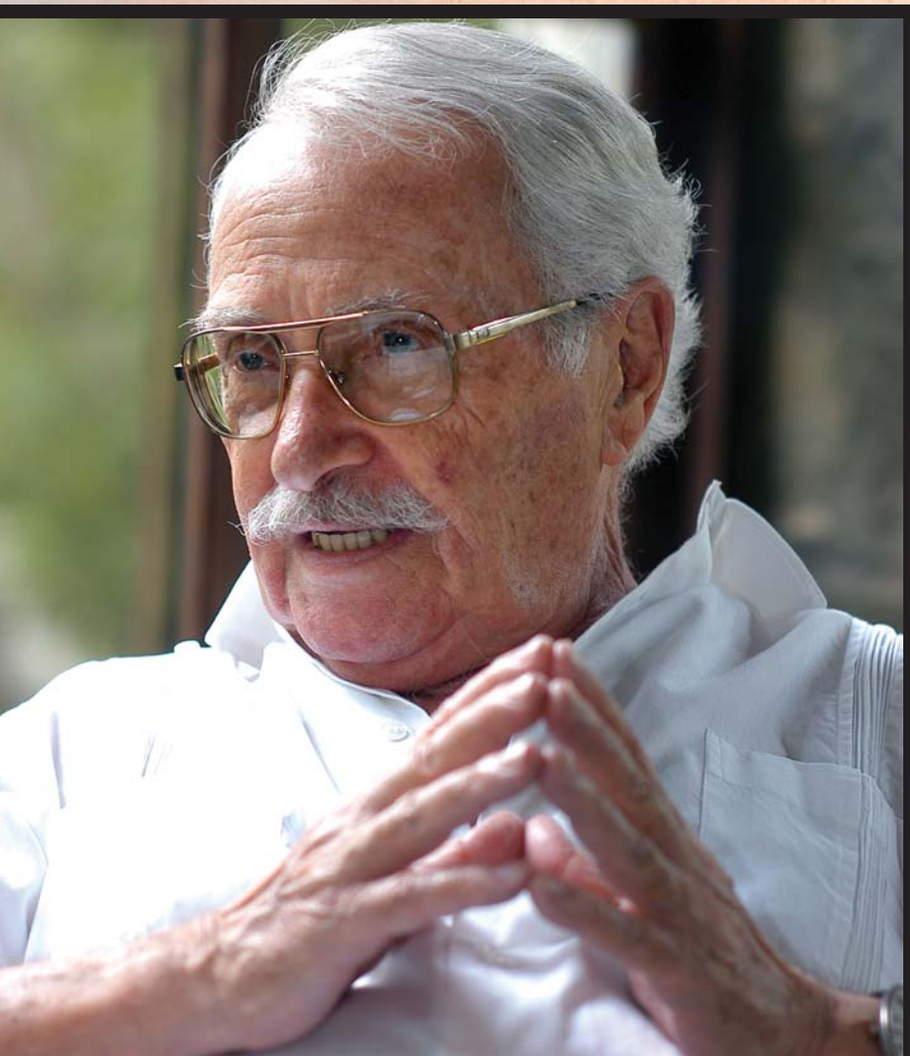
A descoberta do Rio de Janeiro, em 1952, foi amor à primeira vista, como ele define. "Estava de passagem, o Samuel Wainer tinha me contratado para ficar no Brasil e, quando vi o Rio, me apaixonei. E estou casado com a cidade e dou demonstrações de fidelidade absoluta desde então". Conta que vinha de uma cidade que adorava, Buenos Aires, onde aos 23 anos, trabalhando em cinco revistas e jornais, nunca ganhou tanto dinheiro. Mas o Rio dos anos 50 era a Cidade Maravilhosa. E acrescenta: "continua sendo, apesar da violência e de toda exploração imobiliária que a cidade sofreu".

Lan relembra que, além de o Rio ser lindo, o carioca era eternamente bem humorado. E exemplifica contando qual a diferença entre o carioca e o portenho. "O portenho tem o espírito do tango, o carioca do samba. O que acontece? Pegue um portenho rico e pergunte como estão as coisas. Ele vai olhar com cara de desgosto e dizer: uma merda. É a resposta clássica. Agora, pegue um camarada que está na pior no Rio, no botequim. E pergunte a mesma coisa. Ele diz: tudo azul (ri). É a diferença!"

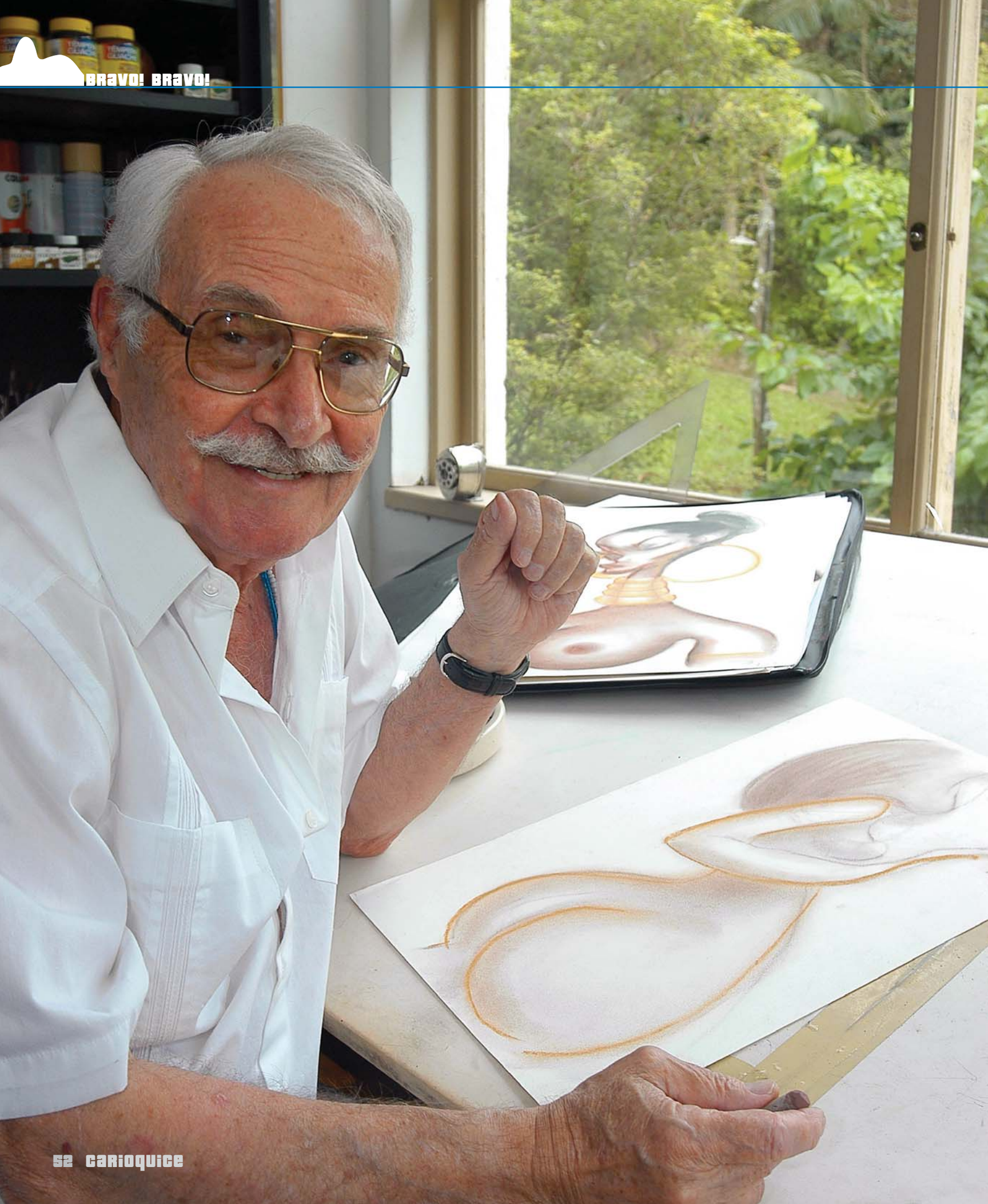
Ao classificar a cidade como "anatomicamente confortável", dizendo que é onde se sente totalmente à vontade, Lan reflete sobre a malandragem carioca, como a moleza de um gato em cima do telhado. E aponta para as letras de samba que são verdadeiras crônicas da cidade, como quando Zeca Pagodinho diz que está devendo na quitanda da Dona Maria, que passa de banda para não ser visto ("Tá ruim, mas tá bom"). "Isso é cultura popular da melhor espécie". Ele conta que, recentemente, um amigo milionário de São Paulo lhe disse que achava as músicas do Zeca uma porcaria. Ao que respondeu: "Você nunca foi a um supermercado, a uma feira livre, a um botequim de esquina de subúrbio. Você não conhece a porra dessa cidade! Não opina sobre o que você não conhece!"

A paixão pelo Rio e pelas coisas da cidade resistiu até aos convites dos amigos Caribé e Pancetti, que moravam em Salvador e queriam levá-lo de qualquer maneira para lá. "O Pancetti me mandava bilhetinhos assim: 'estou te esperando em Salvador com duas mulatas espetaculares' (risos). E eu resistindo". A um dos convites de Caribé, respondeu dizendo: "o dia em que, para o Rio de Janeiro, eu for um por cento do





"Pegue um portenho rico e pergunte como estão as coisas. Ele vai olhar com cara de desgosto e dizer: uma merda. Agora, pegue um camarada que está na pior no Rio, no botequim. E pergunte a mesma coisa. Ele diz: tudo azul. É a diferença!"



que você é para Salvador, vou me considerar um realizado". Sem dúvida, conseguiu. A fidelidade à cidade foi retribuída, e hoje ele é um dos seus personagens mais queridos.

O italiano de Monte Varchi, cidade da região da Toscana, que passou por Montevidéu, Buenos Aires, Nova Iorque, São Paulo, Roma, Florença e Bolonha, conta que só não teve saudades de Paris, onde também viveu. "Em 1964 me auto-exilei, fiquei um ano em Roma e um em Paris. Tive as portas do Paris-Match abertas para mim. Era o sonho de qualquer desenhista. Propus mandar meus desenhos do Rio, eles não quiseram. Voltei para cá".

Mas antes disso, em 1956, foi para Sierra Maestra juntar-se a Fidel Castro para fundar a agência cubana Prensa Latina. Quanto a Guevara, ele conta que o conheceu em Buenos Aires, quando ainda não era o Che.

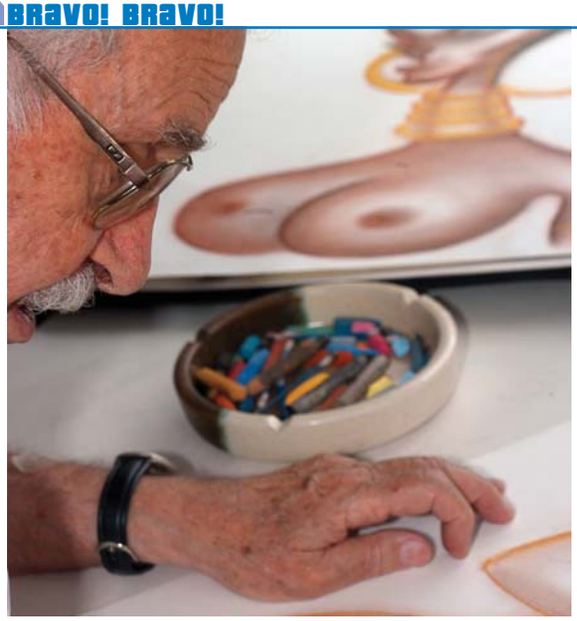
Entre os amores incondicionais está o Flamengo. E sobre o time ele diz que o amor pelo clube dura a vida toda. "Você pode trocar de mulher, de amante, de namorada, de profissão, de tudo! Mas o amor pelo time é eterno!" E acrescenta, rapidamente: "e também o amor pela escola de samba". Portelense de coração, ele se anima ao falar da escola que agora volta aos bons tempos (com nova direção). E conta, alegre, suas conversas com o amigo mangueirense Nelson Sargento, que giram em torno das duas agremiações. "Digo para o Nelson que as duas só irão empatar lá pelo ano três mil, e assim mesmo se a Mangueira ganhar seguidamente. Afinal, a Portela é a grande campeã, com vinte e duas vitórias!"

Ao falar da escola do coração, ele se lamenta que justo este ano quando a Portela volta com força total, a Petrobras está patrocinando uma exposição sua, em Buenos Aires, que teve a vernissage marcada para 8 de fevereiro. "Terça-feira de carnaval! E com a Portela desfilando na segunda à noite!", desabafa ele, que teve de marcar o embarque para terça de manhã cedo. Lan foi convidado por Chico Spinoza para sair na Caprichosos, que vai homenageá-lo. E declara: "se não der para sair na Portela, não tem Caprichosos, não! Não é certo, eu portelense, desfilar em outra escola, justo quando está disputando o título!".

A Caprichosos vai sair com quatro carros inspirados nas mulatas de Lan e o ator Antônio Pedro deverá encarná-lo. Sobre o amigo, Lan diz que "o Antônio é a coisa mais parecida comigo do que eu mesmo!" (risos).

A programação de carnaval ainda inclui o Bloco dos Gringos, presidido por Eliana Faria (filha de Paulinho da Viola) e o bloco Voltar pra quê?, que sai na quinta-feira, depois do carnaval. E mais: um desfile no Jacarezinho, com o compadre Monarco.

A paixão pelo carnaval data de 1952, quando passou o primeiro em São Paulo e viveu uma experiência e tanto no Baile do Municipal. Naquela época todo mundo tinha sua lança-perfume. Como nos corsos em Montevidéu, Lan espirrava as mesmas nas pernas das moças, "só



de sacanagem", como diz. Até que veio um colega e disse: "Tá jogando porque? Isso é para cheirar! Encharca um lenço e aspira fundo!". Lan conta que fez o que o amigo mandou e sentiu um apito lento na cabeça. "Fiquei no salão, perdido, pensando 'vou morrer, vou morrer!'. Nunca mais!"

No ano seguinte, já no Rio, lembra que perdeu dez quilos em três dias. "Brincava o dia todo, não dormia e comia um sanduíche de vez em quando. Brinquei nos blocos de sujo na Rio Branco. Fiquei deslumbradíssimo!"

Ele descreve sua vida no Rio como um palco iluminado. Solteiro, sem família, sem namorada fixa, achando um horror pensar em casamento, e como ele mesmo diz, "numa cidade maravilhosa, cheia de mulheres lindas, lindas, lindas". A média diária de sono era de três horas e ele se definia como tendo uma saúde de vaca premiada que vai para a exposição. Mas a saúde vai bem, obrigado. E isso ele atribuiu ao vinho tinto que está em sua genética, já que a família é da região do Chianti. "Meus médicos sempre dizem para eu não deixar de tomar vinho, pois não tenho um pingo de gordura no sangue. Ou seja, os encanamentos estão todos limpos". A essa dieta soma-se o presunto de Parma, com gordura, claro. Para Lan, um confesso viciado em sanduíche de pernil, especialmente o do Bracarense, "tirar a gordura é um crime inafiançável".

A fama de mulherengo acabou quando conheceu Olívia, com quem está casado há 44 anos. "Foi por um acaso que entrei na casa das Marinho — famosas bailarinas clássicas que depois se destacaram no mundo do samba — para agradecê-las em nome de minha mãe". Foram dois anos de namoro e muitas histórias para contar, como no dia em que ele lhe deu o primeiro beijo. "Fiquei horrorizado, pensando: o que é que eu fui fazer? Vou ter que casar!".

Depois disso, foi para o Beco das Garrafas e pediu um uísque duplo, mesmo sem gostar de destilado. Quando a amiga Dolores Duran o viu assim quis saber o que houve. E ele começou a contar. Ao ouvir o nome da namorada, ela estrilou. "Com essa, não!". Sem dúvida, não o consolou em nada. A mesma reação teve Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, com quem fazia um programa no canal 5, em São Paulo. Resultado: um ano depois Lan e Olívia se casaram. Os méritos da felicidade do casal ele credita em 80% a Olívia. Mas conta que milongueiro que era em Buenos Aires, vivendo nos cabarés, não poderia imaginar o que estava por vir. "A primeira vez que saí para dançar com Olívia, ela me disse "olha o ritmo!". Foi a maior ofensa que recebi na minha vida" (ri).

Bakunin, o cão vira-lata encontrado numa lixeira há um ano, volta à sala e Lan conta que está louco para fazer histórias em quadrinhos. "Vou fazer histórias do cachorrinho". O enredo já está definido: o pai era um nobre russo que comeu a filha do czar. O czar ficou muito chateado em ver a filha grávida. Manda matar o filho bastardo. Jogam a criança na lixeira. Só que chega uma fada boa e o transforma num cachorro para o czar não o perseguir. E ele se chama Mikail Alexandrov Bakunin.... Rindo muito, ele pergunta: "Gostaram da história?"

O Banco Arbi
fala a língua
do pequeno e médio
empresário
de todo o Brasil.

NVEXTIMENTO

Mas sem perder
o sotaque carioca,
é claro.

BANCO ARBI

| Linhas de repasse BNDES | Projeto de Viabilidade | Antecipação de recebíveis | Capital de giro
| Empréstimos para funcionários com desconto em folha | Investimento em CDB

Rua Dias Ferreira, 190/4° andar . Leblon - Rio de Janeiro | Tel.: (21)2529-1800 / 2529-1818 | FAX: (21)2529-1880
bancoarbi@bancoarbi.com.br | www.bancoarbi.com.br

Madureira chorou Zaquia

por Kelly Nascimento

Um dia uma vedete vislumbrou o subúrbio carioca como o cenário perfeito para instalar um teatro de revista. Madureira ganhou um palco e quis retribuir à altura, imortalizando a vedete num samba que tornou o bairro conhecido internacionalmente. Lenda? Não, é tudo verdade. É a história de Zaquia Jorge, a *girl* que fez Madureira chorar.

Catalano, Dercy Gonçalves, Zaquia Jorge e Otelo Zeloni no filme "A Baronesa Transviada", de 1957

Quando se fala do mito Zaquia Jorge, fatos e lenda se confundem. A saga da vedete começa nos anos 40, quando foi lançada por Walter Pinto no Teatro do Recreio, na Praça Tiradentes. A peça era "Maria Gasogênio" e nomes como Dercy Gonçalves e Mara Rúbia personificavam pedras preciosas. Zaquia foi o Rubi. Não levou muito tempo para consolidar sua carreira de *girl* nos pequenos teatros de seu bairro, Copacabana. A próxima parada seria em Ipanema, no Teatro de Bolso, onde se arriscou na comédia.

E da Zona Sul para o subúrbio o caminho não foi longo. A carioca filha de sírios conheceu Madureira por conta de uma festa numa churrascaria do bairro. "Quando Zaquia viu toda aquela gente que morava lá, percebeu que faltava ao subúrbio um teatro", conta a amiga Esther Tarcitano. E lá se foi Zaquia rumo à Madureira com a idéia de implementar um teatro popular naquela área da cidade.

No dia 23 de abril de 1952, o subúrbio carioca recebia seu primeiro teatro de revista: o Tea-

tro Madureira. A peça de estréia, "O trem de luxo", foi a introdução de muitos moradores ao mundo teatral. Com capacidade para abrigar 420 pessoas, palco amplo e instalações confortáveis, o teatro de Zaquia impressionou muita gente. O sonho da vedete foi viabilizado por "Julio Leiloeiro" que, apaixonado, realizava todos desejos de sua diva.

Enquanto Madureira vibrava com a novidade, da Zona Sul vinham as críticas, num misto de incompreensão e preconceito por perder a vedete para o subúrbio. Não foi o único obstáculo com que se deparou Zaquia. Ela ainda teria a missão de conquistar um público que não tinha o hábito de freqüentar o teatro. Aí recorreu à sua tática infalível: usar o charme e a beleza. "Ela era muito alegre e tinha uma capacidade incrível de conquistar quem estava ao seu redor", recorda Esther.

Empresária, vedete, produtora e promoter, Zaquia era o combustível do Teatro Madureira. No começo, para atrair espectadores teve que reduzir preços de ingressos e até deixar que entrassem de graça. Saía pelas redondezas distribuindo convites. Cuidava de cada detalhe das cenas: pintava quadros, costurava figurino, varria o palco, vendia bilhetes. E ainda estrelava os espetáculos, onde escandalizava a sociedade aparecendo em biquínis ousados para a época.

O teatro de revista que Madureira conheceu pelas mãos de Zaquia era puro luxo. Uma profusão de plumas e paetês, cenários que reconstruíam cascatas e cachoeiras. A fórmula foi aprovada e, um ano após sua inauguração, o teatro atingia seu auge. A vida no bairro era uma festa. As apresentações passaram a ser diárias, casa sempre cheia, não sendo raro ver pessoas em pé e até à beira do palco.

Quem animava a casa era uma trupe formada por duas vedetes, Wilma Maria e a própria Zaquia; uma atriz, um coreógrafo e 10 garotas. As *girls* do Teatro Madureira eram uma atração à parte. E era em incursões pelos arredores do subúrbio que Zaquia selecionava suas meninas. Trouxe, ainda, para o bairro grandes nomes da época como as estrelas Celeste Aída e Araci Cortes, conhecida como a Rainha do Teatro.

"Quando Zaquia viu toda aquela gente que morava em Madureira, durante uma festa em uma churrascaria, percebeu que faltava ao subúrbio um teatro"

Esther Tarcitano,
ex-vedete e amiga de Zaquia

A atuação de Zaquia não se limitava ao teatro. Quem não ia até Madureira via a vedete no cinema. Participou de seis filmes, sendo o último "A Baronesa Transviada", em 1957. Para descansar, Zaquia tinha um hábito de lei: reunir os amigos em piqueniques na praia da Barra da Tijuca, às segundas-feiras. Numa delas, no dia 22 de abril de 1957 — véspera do aniversário do teatro — ela morreria afogada. Tinha 32 anos.

Madureira parou. O comércio baixou as portas e as ruas foram tomadas por tarjas negras. A fachada do Teatro Madureira, que outrora anunciava espetáculos e vedetes, cobriu-se de negro, durante sete dias. O som dos surdos da Portela e do Império ecoou pelo bairro. Seu sepultamento no cemitério no Caju atraiu multidões. Madureira chorou.

Como acontece com todo mito, a morte de Zaquia gerou polêmica. Houve quem defendesse a versão de que a musa havia sido assassinada por alguma vedete incomodada com seu sucesso. A tese conspiratória foi rapidamente desconsiderada mediante laudo de autópsia. O Teatro Madureira foi rebatizado com o nome da vedete que o criou, mas não sobreviveu sem ela. Dizia-se que Zaquia era a alma do teatro, insubstituível.

Julio Monteiro transformaria a dor em samba compondo, em parceria com Carvalhinho, a marcha "Madureira Chorou", que se popularizou na França com o título "Si tu vas à Rio". Zaquia foi também tema para um samba do Império Serrano, o "Estrela de Madureira", gravado por Roberto Ribeiro. No teatro, foi homenageada pela peça "A vedete do subúrbio", de Ronaldo Grivet e José Maria Rodrigues. Encenada duas vezes — em 85 e 91, usou as técnicas do teatro de revista para contar a trajetória da vedete. Na segunda montagem, coube a atriz Gina Teixeira interpretar a personagem-título.

A atriz Gina Teixeira interpretou Zaquia Jorge na peça "A vedete do subúrbio"

"Fiquei um pouco grilada porque tinha a mesma idade dela na época em que morreu", comenta a atriz.

Mas muita gente que hoje cantarola "Madureira chorou" nunca ouviu falar no nome da estrela. Da história de Zaquia Jorge restaram poucos vestígios. Informações sobre sua carreira só são encontradas em sites internacionais. Os tempos são outros. Não são mais as vedetes quem fecham o comércio ou revolucionam os subúrbios cariocas. No número 386 da rua Carolina Machado hoje funciona uma trivial loja de eletrodomésticos. Zaquia Jorge é uma memória distante, quiçá lenda, que hoje se faz lembrar apenas no nome de uma favela — uma das 20 comunidades que formam o Complexo do Dendê, na Ilha do Governador.

Memórias de um cafajeste

por Sérgio Costa

Durante uma vida inteira, o ator Jece Valadão traduziu em interpretações magistrais a essência de um personagem criado pelo nosso mais genial dramaturgo. Nelson Rodrigues, através do "Palhares, o canalha", modelou a argila para que Jece criasse o maior dos estereótipos do Rio de Janeiro: o cafajeste. Carioquice tirou do auto-exílio este verdadeiro mito do cinema nacional em entrevista que mantém vivo o enigma: será que o Palhares é ele?

Nascido em Murundu, próximo a Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, e criado a partir dos 9 anos na bucólica Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, Jece teve uma rápida passagem pelo Rio ainda adolescente, quando trabalhou como alfaiate. Mas com quase 20 anos voltou disposto a fazer carreira no rádio. Desembarcou no Rio, deixou a mala em uma pensão na Rua da Alfândega e inscreveu-se em um teste para locutor na Rádio Tupi. O lendário Almirante era quem decidia quem passava pelo funil. Passou.

"Eu trabalhava de seis às oito da manhã. Ficava o resto do dia sem fazer nada, e o salário mal dava para pagar a pensão e algumas despesas. Ou seja, eu vivia em uma merda que dava gosto." Até que descobriu uma mina de ouro, aproveitando o tempo livre para trabalhar como corretor de anúncios para a emissora. "Enquanto como locutor eu ganhava, digamos, um salário mínimo, com a minha carteira de corretagem passei a ganhar algo na casa dos 5 mil reais por mês."

Começava ali a longa trajetória de noitadas. Instalou-se em um apartamento em Copacabana, comprou um carro. "No Rio dos anos 50, boêmio tinha duas prioridades: mulher e uísque", lembra. Atrás do microfone a vida também ia muito bem, obrigado. Jece chegou a substituir Ary Barroso no "Calouros em desfile", um dos programas de auditório de maior audiência no Brasil, em uma época em que o rádio era o principal veículo de comunicação para as massas.

Mas o sonho mesmo era fazer cinema. Foi à Atlântida, a Hollywood tupiniquim, e preencheu uma ficha para figurante. "Perguntavam se o candidato falava outras línguas, se pilotava helicóptero e por aí vai. Marquei "sim" em tudo.

Fui chamado. Deviam achar que eu era um gênio ou um louco".

Jece foi escalado como figurante no filme "Também somos irmãos", em 1949. Entraria mudo e sairia calado: um garçom que servia um chope. "Mas o diretor acabou criando uma fala para mim, e estreei direto como coadjuvante. Foi sorte, porque figurante chegar a estrela é difícil", confessa. A gentileza do diretor foi movida por interesses nada profissionais — e que nunca foram correspondidos — em relação ao rapaz que estreava na sétima arte.

Alguns trabalhos depois, Jece vai bater ponto no Primeiro Congresso de Cinema, no Rio, em 1954. Conhece um jovem cineasta que o convida para ser assistente de direção e ator do seu próximo trabalho. O diretor era Nelson Pereira dos Santos. O filme, "Rio 40 graus".

"Tínhamos três refletores, uma kombi caindo aos pedaços. Quando alguns amigos nossos que trabalhavam no Banco do Brasil conseguiam vender algumas cotas, rodávamos o filme. Quando não tinha dinheiro, o que era comum, toda a equipe ficava em um apartamento na Praça Cruz Vermelha jogando xadrez. Além de ajudar na direção e atuar, eu também tinha outras funções, arranjava namoradas que ajudavam a trazer comida e cuidar do apartamento, por exemplo".

Digamos que às vezes era mesmo um sacrifício. Uma das conquistas de Jece, naqueles dias, foi uma vizinha sustentada pelo amante, um dono de supermercado. Conversa vai, conversa vem,

"Na ficha para figurante, perguntavam se o candidato falava outras línguas, se pilotava helicóptero e por aí vai. Marquei 'sim' em tudo. Fui chamado."

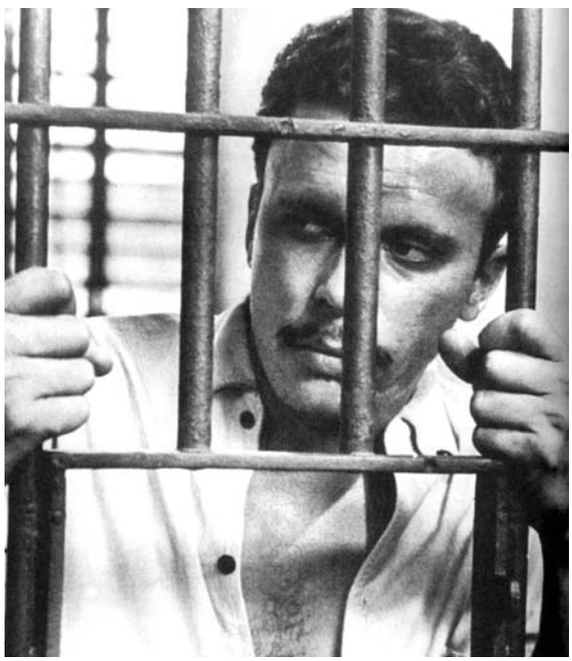
uma tórrida visita ao outro lado do corredor, e no dia seguinte chega de presente uma cesta básica com comida para um mês. "Queriam que eu voltasse lá toda hora. Mas a mulher era louca, alucinada. Na hora do sexo arranhava, mordia. Eu saía de lá como um flagelado de guerra".

Digamos que o aprendizado do cafajeste já não era recente. Mas para incorporar o papel de Waldomiro em "Rio 40 graus", Jece recorreu a bons professores: no morro do Cabuçu, no Lins, onde o filme foi todo rodado. "Os malandros, todos procuradíssimos pela polícia, gostaram muito de nós. Quando o filme ganhou o Festival de Cinema do Rio, o crítico Salviano Cavalcanti foi o primeiro a me dar o voto de melhor ator. Outro jurado, Joracy Camargo, discordou, dizendo que eu era malandro de verdade. Mas Salviano contou dos filmes que eu já tinha feito na Atlântida. Ganhei a estatueta e um belo cheque".

O filme foi proibido pela censura, pouco antes da estréia. "Foi uma desgraça. O chefe de Polícia disse que nem fazia 40 graus no Rio, que não tinha favela daquele jeito e nem criança pobre vendendo amendoim na rua. Fizemos um acordo com JK, que estava disputando a Presidência da República. Entramos na campanha, fomos a comícios. Eu pegava o bonde no horário do *rush* do início da noite e discursava a favor dele. JK ganhou, tomou posse (em janeiro de 1956) e o filme foi liberado".

Foi um dos dois envolvimentos sérios de Jece com política. O outro foi por conta da adesão à militância que toda a equipe de "Rio 40 graus" tinha no PCB. Disposto a abraçar os ideais de Marx e Engels, foi levado de olhos vendados a uma casa onde ficou fazendo, por 40 dias, um curso de doutrinação, chamado "Stálin", de onde recebeu um codinome, "Rogério". Foi preso no dia seguinte ao curso, ao distribuir panfletos em frente à Câmara dos Vereadores.

Jece em "Boca de ouro", de 1962



No filme "Mineirinho vivo ou morto", de 1967

"O delegado viu logo que eu era ingênuo, e nem me fichou. Quando saí do tal curso Stálin, eu queria acabar com o capitalismo. Mas quando deixei a delegacia, saí de lá com ódio do comunismo..."

Logo depois veio "Rio Zona Norte", lançado em 1957. Jece fazia um locutor de rádio bem salafrário, que roubava a autoria dos sambas de um compositor de morro vivido por Zé Kéti.

"Também concretizei um sonho, que foi conhecer Ângela Maria."

Depois da consagração nas telas, uma pausa para a primeira experiência no palco. Jece conhece Dulce, irmã de Nelson Rodrigues, na montagem de "Mulher sem pecado", no Teatro Serrador, de autoria do irmão. O diretor, Rodolfo Mayer, queria que eu fizesse o Humberto, o motorista da família, amante da mulher do patrão. A Dulce era contra, porque achava que já estava diante de um autêntico cafajeste na vida real.

"O Rodolfo ganhou a parada e eu casei com a Dulce. Depois, montei o Teatro São Jorge, na Rua do Catete (hoje, Cacilda Becker) e estreamos com "Viúva porém honesta", que o Nelson escreveu para mim. Em1960 vendemos o teatro e investi para voltar ao cinema em "Os Cafajestes", tendo como um dos sócios o Castor de Andrade".

Jece com a então esposa Dulce Rodrigues, na década de 60

Passar de malandro para cafajeste, conta Jece, não foi muito difícil. "O cafajeste é um misto de malandro de morro com carioca. Não tem nem tradução em outro idioma. É um estado de espírito brasileiro, em particular carioca. Trata-se, puramente, de atitude. É o sujeito capaz de um tapa numa mulher, sem ela merecer, e dez minutos depois dar uma flor."

Polêmico no Brasil de 1962, "Os cafajestes" ganhou vez na programação do Festival de Berlim, logo depois. Mas o filme foi exibido sem qualquer aviso, o que desagradou profundamente um astro de Hollywood: John Wayne, que foi aos organizadores quase de Colt em punho exigir uma reprise.

"O festival exibiu o filme novamente, que foi aplaudidíssimo. Eu e a Norma Benguell, ainda impressionados, fomos os últimos a sair da sala. Deparamos com um verdadeiro corredor polonês de lado a lado, e chegamos a ter medo. Mas começaram a aplaudir, a jogar flores. Imagine..."

Norma Benguell, aliás, foi a única falha na longa ficha corrida do machão e conquistador Jece Valadão. "Eu a chamei para o elenco de 'Os Cafajestes' já com segundas intenções. Mas ela não quis nada. Anos depois, quando eu estava na piscina na casa de um produtor amigo meu, ela chegou e foi me assediando. Mas eu fiquei tão surpreso que não consegui".

Como ator, diretor, diretor-assistente ou produtor foram 106 filmes, com 32 prêmios nacionais e três internacionais. O sucesso com "Os Cafajestes" ainda estava no ar quando o machão bancou levar para as telas "Boca de Ouro", de Nelson Rodrigues, maldita até no teatro. Sucesso absoluto. O mesmo aconteceu com "Navalha na carne", de Plínio Marcos.

Entre um filme e outro, casamentos e mulheres, mulheres, mulheres. "Sempre tive uma amante com casa montada e uma *garçoniére* para outros casos. Sempre fui devasso. Quando me

"Quando contracenei com Roberta Close, na peça 'Uma vez por semana', exigi em contrato que ficássemos hospedados com uma distância de três andares no hotel."

separei da Vera Gimenez, no meu quarto casamento, montei um apartamento em Ipanema. Minha vida era voltar toda a noite com uma mulher diferente, que no dia seguinte dispensava logo".

A fama e a prática ocasionalmente o deixavam em maus lençóis, como no dia em que um desafeto foi procurá-lo de arma em punho na cantina Fiorentina, no Leme. "Mas eu já tinha sido avisado e fui chegando dando-lhe um tabefe no pé do ouvido". Em outros casos, era sua salvação. Certa vez, dirigindo de madrugada, sentiu-se cansado e estacionou para um cochilo. Foi acordado por um assaltante de arma em punho, que ao identificar a provável vítima se arrependeu imediatamente. "Desculpe seu Jece, foi mal, o senhor é dos nossos"...

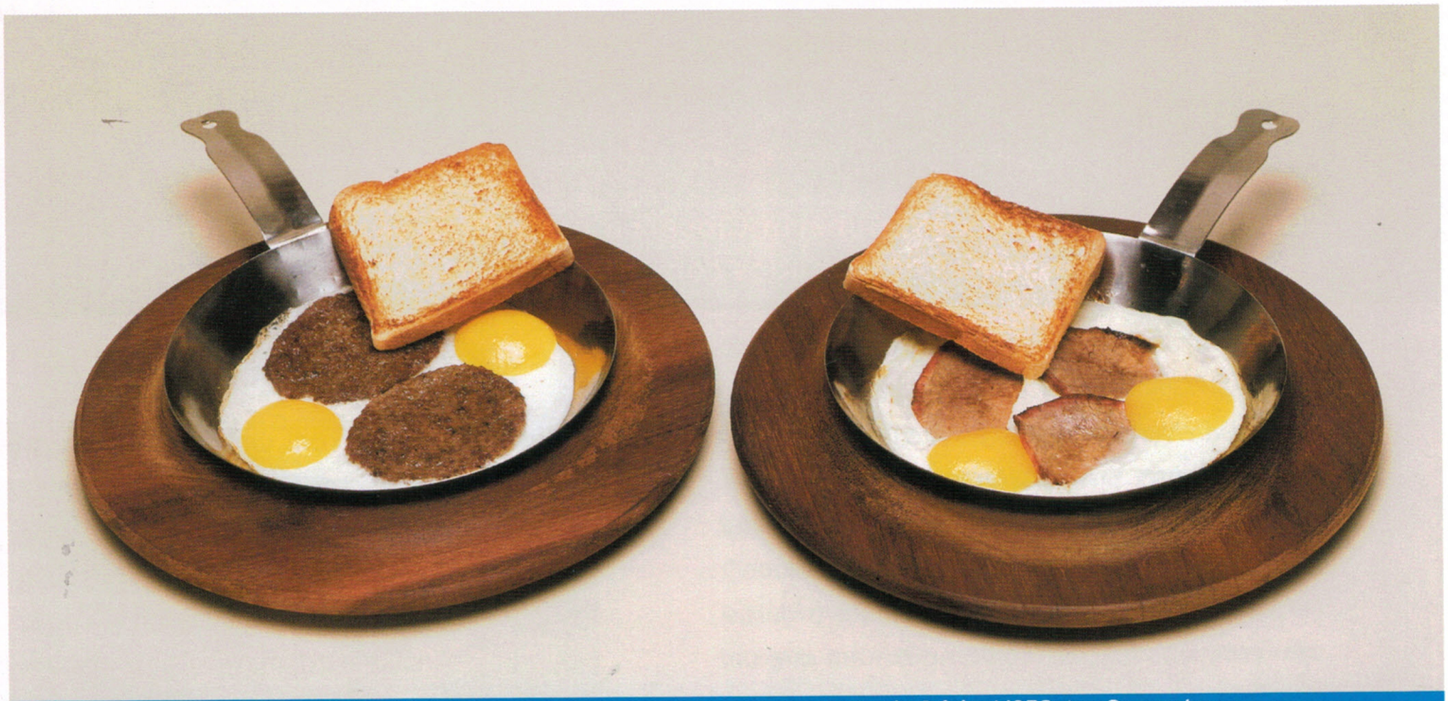
E na hora de contracenar com o transexual Roberta Close, na peça "Uma vez por semana", em 1985? "Olha, eu exigi em contrato que ficássemos hospedados com uma distância de três andares no hotel, que tivéssemos camarins separados e nada de beijo na boca..."

Mas há dez anos que faz parte do passado o Jece Valadão que derrubava uma garrafa de uísque em uma noitada e fumava quatro maços de cigarro por dia.

A transformação do malandro e cafajeste veio de onde menos se esperava, e da forma mais surpreendente ainda. "A Vera (Gimenez), com quem vivi treze anos do casamento mais neurótico do mundo, me apresentou a um pastor. Ele me fez uma oração por telefone. Primeiro eu ri, depois chorei. E há dez anos estou nesta vida. Estou hoje no sexto casamento, com a minha querida Vera Lúcia. Na verdade considero meu primeiro casamento, porque não é movido por qualquer interesse. Não renego meu passado. Mas não repetiria." Quem diria...

"Solta uma salada de ovos!"

No início dos anos 50, a novidade gastronômica do Rio viria como um saque perfeito: de maneira arrebatadora. Uma porção de criatividade, outro tanto de sabores originais e um tenista americano apaixonado pelo Rio. Junte os ingredientes e aí está o Bob's. É só apreciar!



Frigideiras de hamburguer e de lombinho com ovos: pratos só encontrados no Bob's Original 1952, em Copacabana

Copacabana sempre lançou modas. Berço da Bossa Nova, o bairro ainda marcaria a década de 50 com outras bossas. O ano de 1952 ficaria registrado na memória gustativa da cidade. Foi quando apareceu na rua Domingos Ferreira uma lanchonete com um menu que atiçou o paladar e enrolou a língua do carioca com expressões como *ham'n'eggs*, *hamburger*, *hot dog*, *sundae*, *milk-shake* — até então desconhecidas pela população.

O Bob's nasceu vinculado a um hábito sagrado do carioca: o banho de mar. A ida à praia começava com a degustação de uma iguaria doce e gelada: o sorvete de baunilha. Sua consistência cremosa conquistou fãs de todas as idades. Depois do pôr-do-sol, era a hora dos sanduíches. Dar uma esticada até o Bob's e pedir: "Solta aí uma salada de ovos!" era de lei. Tudo acompanhado dos refrescantes sucos de laranja, maracujá, limão ou caju.

Naquele tempo, palavras da língua inglesa não faziam parte do cotidiano do brasileiro. Logo, não era raro alguém se confundir e pedir um *sundae* quando queria, na verdade, saborear um sanduíche de pão com

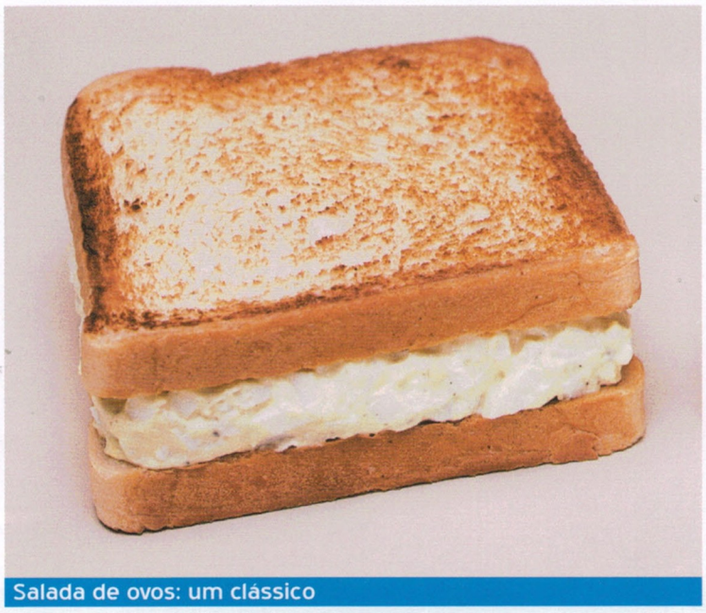
salsicha. E o bem-sucedido casamento de pão, ovos e presunto – o *ham'n'eggs* – acabou sendo traduzido para "raminéguis" no bom "carioquês".

Surgiriam outras novidades como o sorvete de pistache e o sanduíche de pernil com molho. Rapidamente, o Bob´s de Copacabana passou a fazer parte da vida social do Rio. Seus clientes eram cativos. Um dos célebres era Heitor Villa-Lobos, que todas as tardes tomava o clássico sorvete de baunilha. Sempre pedia calda de chocolate. As lojas foram se espalhando não só por outros bairros do Rio, mas também por diversas cidades. A *tchurma* se encontrava no Bob's.

A história da rede de lanchonete começa com o encantamento de um jovem tenista americano pela cidade maravilhosa. Com a idéia de fazer sucesso no Rio, Robert "Bob" Falkenburg – campeão do torneio de Wimbledon em 48 e 49 – trocou o esporte pelo mundo dos negócios. Na bagagem, viria o conceito de *fast food* – até então inédito em solo tupiniquim. Muitos verões já passaram e a idéia de Mr. Bob continua agradando. As modas são outras e hoje é o *milk-shake* de Ovomaltine que encabeça a lista dos campeões de venda.

Mas os clássicos também têm vez. Quando bate a nostalgia, é só voltar à rua onde a saga iniciou. Desde 2002, a primeira loja do Bob's – na Domingos Ferreira – virou "Bob's Original 1952". A menção ao ano de lançamento da rede não é à toa. Lá é o único lugar onde os saudosistas podem reencontrar delícias como a salada de ovos, panquecas e o *milk-shake* vaca preta – que não fazem parte do cardápio regular da lanchonete. "Recebíamos muitos pedidos para a volta de produtos que marcaram época. O Bob's Original é uma forma de presentear nosso consumidor antigo e apresentar aos novos esses pratos especiais", explica Flavio Maia, diretor de franquias e de marketing da rede.

Flavio Maia, diretor de franquias e de marketing do Bob's

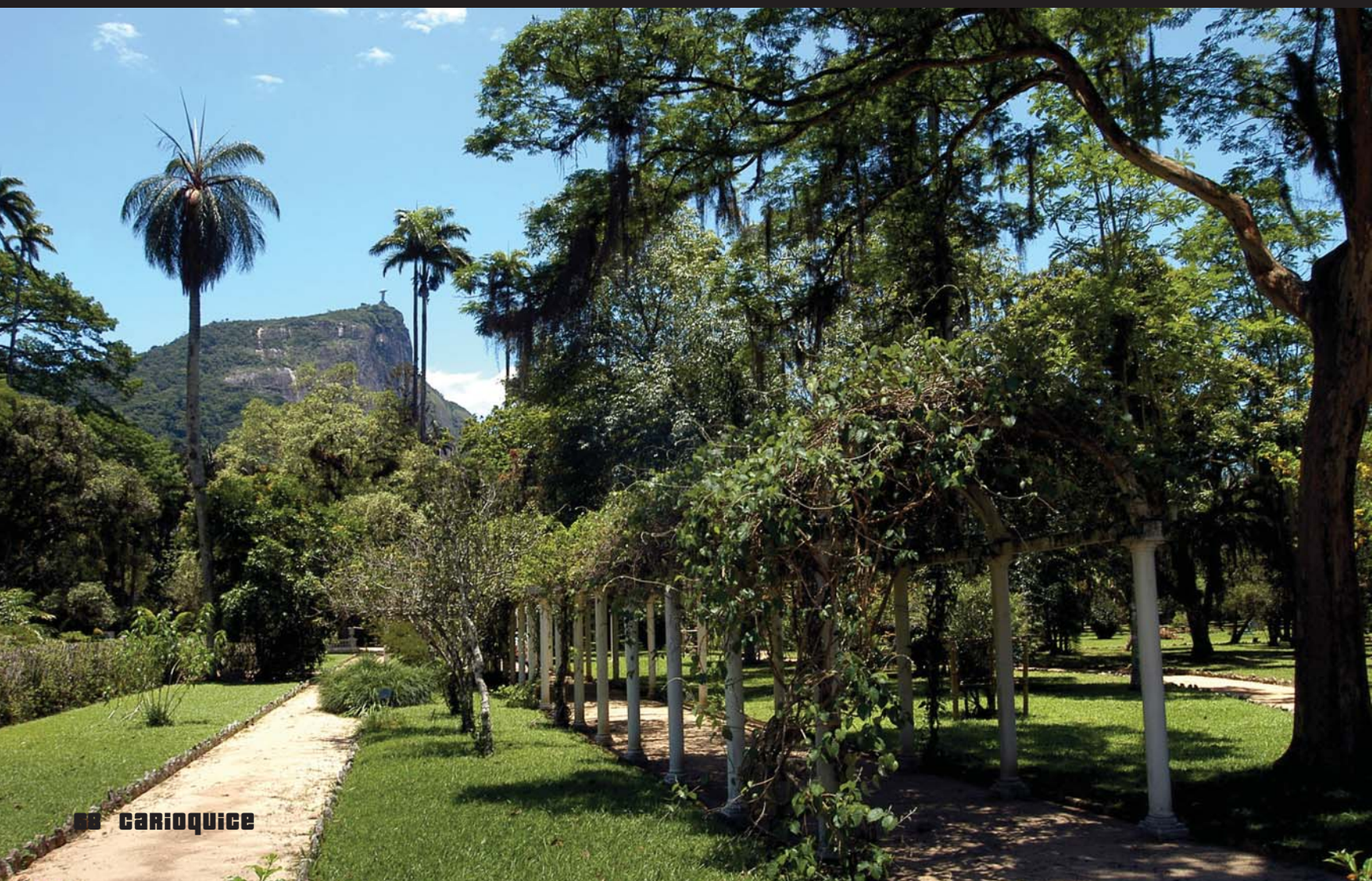

Salada de ovos: um clássico

Todos os produtos são preparados na própria loja, que é aparelhada com uma cozinha diferente das demais lojas do Bob's. A viagem ao passado inclui, ainda, um *jukebox* e atendimento de funcionários vestidos com uniformes iguais ao usados na época de inauguração da marca. O prato que mais deixou saudades foi a frigideira de *hamburger* com ovos. Servido na própria frigideira, acompanhado de torradas, é o produto mais lembrado pelos clientes. A fórmula de sucesso atrai gente de outros estados e pode ser levada a outras localidades. "Essa foi nossa primeira experiência e o retorno foi excelente. Já estamos pensando em ampliar o projeto", revela Flávio. Quem sabe o Rio não ganha mais uma?

A sétima maravilha do Rio

O arquiteto Carlos Eduardo de Almeida Barata e a historiadora Cláudia Braga Gaspar passaram anos pesquisando a história do Jardim Botânico, que completa 200 anos em 2008. Vão contar tudo em livro. Mas, antes, dão uma prévia para os leitores desta privilegiada publicação. É só se acomodar à sombra de uma árvore e saborear as delícias do texto.

POR CARLOS EDUARDO DE ALMEIDA BARATA



Ao visitarmos o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, não imaginamos que estamos pisando em solo que outrora abrigou um engenho de cana de açúcar, ali instalado nos primórdios do século XVI, quando a cidade do Rio de Janeiro mal começava a dar os primeiros passos.

Trata-se do Engenho d'el Rei, propriedade da coroa portuguesa, levantado cerca de 1575, e que ainda no século XVI foi vendido a particulares. Inicialmente pertenceu a Diogo Amorim Soares, daí ser conhecido por Engenho do Amorim, em fins do século XVI, depois ao seu genro Sebastião Fagundes Varella, daí aparecer em documentos do princípio do século XVII, como Engenho dos Fagundes e, finalmente, a partir de 1702, passou a pertencer à Família Rodrigo de Freitas, aparentados com os Fagundes.

Em 1808, logo após a chegada da Família Real Portuguesa, foi desapropriado pela Fazenda Nacional para instalar em suas terras uma fábrica de pólvora, capaz de produzir o suficiente para a defesa da nova capital portuguesa, e um Horto Real, com o objetivo de aclimatar plantas exóticas que poderiam vir a ser úteis para o desenvolvimento agrícola e industrial da metrópole portuguesa.

Para que possamos entender a implantação do Horto Real em território carioca, é preciso recuar ao século XVIII, mais precisamente à Europa, e percorrer as mudanças que ali ocorriam no campo das ciências, das idéias e da economia.

Na Europa tem início a partir de 1758, com Carl Von Linnée, a classificação das espécies vegetais, que darão grande impulso não só ao maior conhecimento botânico, como a sua aplicação prática. Era o período marcado pelo Iluminismo, que teve sua maior expressão na França com Voltaire, cujas origens ligam-se diretamente aos progressos da ciência e da filosofia

A Capela de N. S. da Conceição, que também fazia parte do Engenho d'el Rei, hoje fica na Rua Marquês de São Vicente, na Gávea

ocorridos no século XVII, principalmente ao Racionalismo, desenvolvido por Descartes e ao empirismo de Locke.

Foi o século XVIII, principalmente a sua segunda metade, marcado pelo que poderíamos chamar de pragmatismo científico, em que as ciências só se justificam na sociedade com uma aplicação prática, sendo essa produção orientada e financiada pelo Estado. É criado em Coimbra o primeiro Jardim Botânico português e investimentos metropolitanos são direcionados para o levantamento da flora e fauna brasileiras. Em 1783 foi enviada uma expedição científica ao Brasil, que ficaria conhecida como a primeira expedição oficial do governo português, encabeçada por Alexandre Rodrigues Ferreira, com destino às Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá e, na mesma época, Frei José Mariano da Conceição Veloso inicia o levantamento da flora fluminense.

Cabe lembrar que o mundo vivia a passagem do capital comercial para o capital industrial, acelerando a busca européia por mercados potencialmente ricos em matérias-primas capazes de suprir uma indústria nascente. Muito mais do que

apenas descrever e classificar as espécies botânicas existentes no Brasil buscava-se a sua aplicação econômica na medicina, na alimentação e na tecnologia. Paralelamente, nota-se no governo português, o desejo de introduzir no Brasil espécies exóticas, capazes de se aclimatar e aqui se desenvolver.

Começa o incentivo à criação de Hortos Botânicos. Naquele mesmo ano de 1783 é inaugurado no Rio de Janeiro o Passeio Público. E entre 1796 e 1797 é criado no Pará o primeiro horto brasileiro, com a denominação de Horto Público de S. José, modelo aos futuros a serem criados. Em 1798 foram dadas ordens para o estabelecimento de um horto em Pernambuco, em que priorizasse as madeiras próprias para a construção. Em 1799, pensou-se em criar outro horto na Bahia e, em 1803, o governador de São Paulo escrevia uma memória sobre a necessidade de se criar um horto na sua capital, que, no entanto, ficou apenas no papel. Somente após a transferência da corte, com o estabelecimento do Real Horto, no Rio de Janeiro em 1808, transformado em Real Jardim Botânico em 1811 e franqueado ao público a partir de 1819, é que é dado o primeiro grande passo efetivo para a criação de outros jardins. O que ocorrerá somente após a Independência, mais precisamente depois de 1825, quando são inaugurados os jardins de Aclimação em algumas províncias brasileiras, com destaque para os da Bahia, Minas Gerais, Maranhão e Pernambuco.

Vale ressaltar que no último quartel do século XVIII observa-se um considerável aumento de iniciativas do conhecimento da natureza brasileira por parte de uma geração de naturalistas e filósofos, nascida no Brasil e formada em Portugal, que contribuirá para o maior conhecimento dos recursos nacionais. São eles: Alexandre Barbosa Rodrigues Ferreira, Frei José Mariano

da Conceição Velloso, autor da Flora Fluminense, e Manuel de Arruda Câmara.

A política portuguesa de incentivo aos estudos práticos e a presença de Domenico Vandelli (1735-1816) na Universidade de Coimbra, difundindo o sistema Linnée, a fundação do Museu de História Natural e de um Jardim Botânico na mesma universidade teriam contribuído para o avanço do conhecimento das riquezas naturais do Brasil, se enquadrando dentro da nova política econômica portuguesa, mais preocupada em fomentar a produção de matéria-prima para a industrialização. Ordens são dadas aos governadores das Capitanias do Brasil à exploração de recursos capazes de abrir caminho para o comércio metropolitano.

No Brasil, a política adotada pelos vice-reis marquês do Lavradio e Luis de Vasconcelos e Souza, de 1779 a 1790, obtém surpreendente resultado, que se manifesta no conhecimento maior dos recursos nacionais e no surgimento de uma incipiente consciência nacional. Seja na tentativa de diversificação agrícola, com a introdução de novas culturas, seja na preparação de novas condições na própria colônia, tais como um horto botânico, um jardim de aclimação ou ainda a Casa de Pássaros, fundada no Rio de Janeiro, por iniciativa de Luis de Vasconcelos, que pretendia dar à cidade um museu de história natural.

Paralelamente assistimos no final do século XVIII, na Europa, a uma verdadeira disputa pela hegemonia de mercados e de poder político. França e Inglaterra lideram essa luta, levando Napoleão Bonaparte a decretar o Bloqueio Continental em 1806, ameaçando invadir as nações que mantivessem comércio com a Inglaterra. Tal fato acabou gerando a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil, e transformando a cidade do Rio de Janeiro a partir de 1808 em do centro dinâmico da cidade, com fartura de água, capaz de gerar energia para a produção de pólvora, teria contribuído na escolha do local. Cabe lembrar que a Família Real chegara ao Rio de Janeiro havia dois meses, fugindo das tropas Napoleônicas que invadiram Portugal. Era, portanto, necessário proteger e armar a nova capital portuguesa.

Ordenou-se o levantamento cartográfico da área, com o objetivo de escolha do melhor sítio para abrigar a nova fábrica de pólvora e suas dependências, bem como cadastrar os arrendatários e suas chácaras, que agora deviam o seu arrendamento à Fazenda Nacional e não mais ao capitão Domingos Pinto de Miranda. Na época, contava a fazenda com 73 situações, entre sítios, chácaras, capelas e dependências do Engenho, descritos no mapa elaborado pelo major Cony e que hoje integra o acervo da Mapoteca do ministério do Exército.

Entre aquelas situações estavam 64 arrendatários, com seus sítios e chácaras distribuídos pelos atuais bairros do Leblon, Ipanema, Gávea e Jardim Botânico. Há muito que os antigos proprietários haviam vendido as terras do atual bairro de Copacabana, que também lhes pertencia.

Permaneceu o Jardim de Aclimação em área contígua à fábrica de Pólvora, até o ano de 1832, quando a mesma foi transferida para a nova da Estrela ou Cordoaria, na Raiz da Serra de Petrópolis, anexando-se os seus terrenos ao Jardim e ampliando assim a sua área. Como demonstra a Planta Cadastral de 1844 da fazenda da lagoa de Rodrigo de Freitas levantada por P. Gaignoux, contando à época com 148 chácaras.

Ainda em pleno regime monárquico, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro assume a posição da principal área de aclimação de plantas nativas ou exóticas, então distribuídas por todo o território brasileiro. São criados hortos e Jardins de aclimação em várias províncias brasileiras, evocando o caráter agrícola da nova nação brasileira, tão bem representada em sua bandeira Imperial pelos ramos dos dois produtos mais importantes do país: o tabaco, nativo das Américas, e o café. Este, ainda que exótico, originário da África (Etiópia), tão bem se adaptou em terras brasileiras que já na segunda metade do século XIX se transformaria no principal produto agrícola brasileiro.

Enfim, de local de aclimação o Jardim Botânico passa a ser um laboratório vivo, evocando a necessidade do espírito científico das ciências naturais. Torna-se também local de passeio, caráter este que vai ganhando proporções ao lon-

Capela Nossa Senhora da Cabeça

go da segunda metade do século XIX, muitas vezes criticado por aqueles que defendiam um caráter mais científico do mesmo.

Foi o jardim durante todo o século XIX constantemente evocado por estrangeiros, que de passagem pela terra carioca se extasiavam diante das aléias de palmeiras imperiais que, em colunatas, são ainda hoje como que guardiãs de um templo precioso, o dos vegetais, abrigando em plena zona urbana carioca uma riqueza ímpar.

Ao aproximarmos do aniversário de 200 anos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a ser comemorado dentro de três anos, em 2008, desenvolvemos uma valiosa obra sobre a sua história, em um livro de formato grande, com um manancial de informação e documentos inéditos, que já ocupam um pouco mais de mil páginas.

Vamos percorrer neste livro o caminho traçado pelo Jardim Botânico, desde a fundação da Cidade do Rio de Janeiro, até o advento da República, relembrando seu passado, suas antigas chácaras e seus proprietários, os logradouros que o cercam, seus diretores e suas histórias. Definimos a gestão de Barbosa Rodrigues — um dos mais profícuos diretores do Jardim Botânico, por ocasião do seu centenário, em 1908 — como o marco final deste primeiro volume, deixando para uma segunda etapa a sua história no período Republicano.

Em tempos idos, prevaleceu uma concepção de que o Jardim Botânico seria principalmente um local de ver plantas de reconhecer plantas, ao mesmo tempo que de entretenimento para o público. Hoje os jardins vão adquirindo cada vez mais espaço dentro da função utilitária que possuem não só como parque, onde os habitantes de uma metrópole vão para desfrutar de horas de relaxamento e contemplação. Mas também como local de ensino científico e prático, servindo intensamente aos que buscam uma especialização nas diversas áreas da botânica ou para aqueles que buscam cursos de pequena duração onde são ensinados práticas de jardinagem, paisagismo e botânica.

Em cima, a antiga fábrica de pólvora. Hoje a fachada dá entrada para um parque infantil dentro do Jardim Botânico

Carlos Eduardo de Almeida Barata é arquiteto e especialista em genealogia. É autor, entre outros, do "Dicionário das Famílias Brasileiras", ao lado de Antônio Henrique da Cunha Bueno.

Carnaval é uma espécie de mediunidade

Fluminense de Niterói, filho de mãe amazonense, pai baiano e orixá desconhecido, o antropólogo Roberto DaMatta é um eterno pesquisador do carnaval. Ele remexe a memória e busca as lembranças dos bailes e blocos de rua, construindo um samba-enredo pós-moderno. É transgressão pura e combustível alta octanagem desse acadêmico malandro, que revela os primeiros passos de um estudo inédito sobre as músicas de carnaval. Abram alas que o Roberto vai passar...

"O carnaval é sincronizado, tem uma coordenação social, um elemento coletivo, que não foi estabelecida por decreto. Se os militares tentassem acabar com o carnaval para que os brasileiros não perdessem esses dias de festa, provavelmente provocariam uma reação popular extremamente forte e de conseqüências imprevisíveis. E por que a sociedade tem esse momento de praticamente uma semana de festas onde você não comemora nada? A festa de São Sebastião comemora o aniversário da cidade. A Semana Santa é dedicada a Jesus Cristo. A não ser que você diga que se trata de um exagero antes da Quaresma. No mundo inteiro, antes de um momento de disciplina do corpo você tem excessos. Antes da formalidade, tem a informalidade. No caso dos casamentos e de uma posse de um presidente da República é contrário: primeiro a formalidade, depois a informalidade."

"O carnaval é a verdadeira utopia brasileira. Não tem um script de Karl Marx, nem de Lênin, nem de Rosa Luxemburgo. É nosso, coletivo, que passa de geração para geração. E que script é este? Se respondermos com alguma propriedade, inteligência e sensibilidade porque nós comemoramos o carnaval, temos uma idéia muito boa do que é o Brasil. O carnaval não está sozinho. É uma leitura que nós brasileiros usamos para concretizar o Brasil. É uma espécie de mediunidade."

* * *

"Nos dias de folia, os comportamentos cotidianos são relativamente neutralizados. As mulheres aparecem como mulheres, e não com roupas de trabalho. Os homens aparecem mais como mulheres do que como homens. Nas alas de uma escola de samba, por exemplo, homens e mulheres usam as mesmas fantasias. Então é um

mundo que fica mais feminino do que masculino. E que mundo feminino é este? É o da mudança, onde a emoção e a sedução podem aparecer."

* * *

"A mulher do carnaval não é a Gisele Bündchen, e sim a corista do teatro de revista que eu via quando era garoto e ia escondido à Praça Tiradentes. Como Virgínia Lane, Elvira Pagã, Eloína, que era um negócio de louco. Era o padrão da mulher que tinha substância no corpo, com um corpo redondo, entornando de boa, como se dizia. São "nossas senhoras" ao contrário, que abençoam determinado espaço com a sua sensualidade."

* * *

"Quando você compara essas figuras que estão em carro alegórico, ou nos camarotes, estão sempre em cima de mesas e os homens estão atrás, manipuladores invisíveis, como no teatro japonês. As mulheres do carnaval também não são as do mundo dos negócios, da política, que quando entram neles assumem a retórica e a atitude masculina. Inclusive todas as notícias do mundo sério. O cotidiano, da racionalidade burguesa, com quem você dança ou fica, tudo se dilui no carnaval. Porque na lógica burguesa a festa só pode aparecer depois do trabalho. Nem nós e nem a sociedade são assim. Fazemos as coisas no momento em que tem de ser feito."

A vedete Eloína, em 1969

* * *

"O carnaval é quase que um presente. Mecenas dão dinheiro para os desfiles. Há interesse, claro. Há bicheiros, e dizem que também traficantes entre os patrocinadores. Mas as escolas têm localização em bairros, em lugares onde moram milhões de pessoas que são honestas. É uma visão de uma comunidade que é pobre, no além túnel, e, no entanto são essas pessoas que emendam essa cidade partida citada por Zuenir Ventura. E que aliança é essa? Através do corpo, onde todos nós somos iguais. E você também pode ser rico e feio, pobre e bonito. é uma lógica de compensação."

* * *

"O carnaval é todo baseado no desempenho. Não adianta ter nome de família, ser louro e de olhos azuis porque se não souber sambar, não entra. Porque mesmo pagando vai estragar a ala. Só se for uma ala apenas de gringos. É interessante que isto aconteça em uma sociedade em que os empregos são dados através de relações pessoais, nome de família, participação política, carteirinha de partido etc. Isto porque odiamos competir, fazer concurso, ter avaliação. Mas no carnaval está todo mundo competindo. Uma sociedade hierarquizada, com um viés aristocrático extremamente forte. No carnaval você desorganiza tudo isso e organiza nesses gru-

"Nos dias de folia, os comportamentos cotidianos são relativamente neutralizados. As mulheres aparecem como mulheres, e não com roupas de trabalho. Os homens aparecem mais como mulheres do que como homens. Nas alas de uma escola de samba, por exemplo, homens e mulheres usam as mesmas fantasias"

pos, que são as escolas de samba, os blocos, as fantasias individuais, onde todos estão se exibindo e competindo. Sou o mais bonito, o mais original etc."

* * *

"Se você andar no centro do Rio, verá que ele se transforma de maneira radical. É fascinante. Todos viram foliões, aparece a cidadania carnavalesca, onde a carteira de identidade é a fantasia. Tem Bin Laden, noiva grávida. Mas o que me chama a atenção nessas manifestações carnavalescas é esse elemento de exibição e de paralelismo. E são grupos que não são organizados através do viés político. Para conseguir trabalho, melhorar a vida. E sim para brincar, celebrar a vida, em um momento onde o excesso é permitido."

* * *

"O carnaval carioca é uma celebração de identidades de gente muito humilde. E também de contraventores que se legitimam. É um conluio bastante interessante, e que marca muito a identidade carioca para o bem ou para o mal. Todos os segmentos sociais do Rio se diluem e se encontram de maneira relativamente tranqüila no Carnaval. Trata-se de uma trégua não só em relação aos extremos sociais, mas também uma trégua entre as pessoas que jogam no lado certo e as que jogam no lado errado. Como se de repente os consumidores e os fornecedores se encontrassem em uma festa. Uma sociabilidade aberta, cosmopolita, transnacional, transregional, que é o que caracteriza a sociabilidade e a identidade do Rio. E só ocorre aqui, porque o Rio de Janeiro foi Corte, Capital Federal, foi o centro do Brasil. E tem gente de todos os lugares."

* * *

"A hierarquia existe, mas a pessoa sabe como lidar com ela. As percepções sociais são muito agudas, precisas, há uma sensibilidade social muito grande para perceber onde o outro está, pelo tipo de carro etc. Da mesma forma sabemos quando estamos lidando com uma pessoa perigosa. E tem a praia, onde o carnaval é diário. As pessoas estão celebrando seus corpos, de roupa de banho, onde se aparece como é, em um espaço profundamente democrático. O mineiro chega à praia no Rio e já vira carioca. Para um carioca virar mineiro tem de morar lá 20 anos. Mas por essa cidadania, essa identidade aberta que o Rio faculta e que o transformou na Cidade Maravilha, pagamos o preço. Porque as obrigações da cidadania não são dadas de vol-

ta. Todos tiram o que querem e não dão nada de volta. E as autoridades ainda não compreenderam isto direito, com raras exceções."

* * *

"O Rio de Janeiro é uma cidade rara no sentido de ter uma beleza transcendental, lindíssima, de micro-climas em espaços de centenas de metros como se estivesse no meio de uma montanha. Além da praia, também possui um magnífico conjunto geográfico, com lagoas, restingas etc. E ainda tem um valor associado a essa coletividade, que é ter sido o centro do Brasil por séculos, onde tudo se resolvia. De movimentos políticos a culturais, passando por restaurantes e jornais. Só que a emergência do populismo, como resgate da austeridade corrosiva e autoritária do regime militar, nos deu sucessivos governos em que a autoridade pública foi extremamente dilapidada, esgarçada, terminou. E aí emerge uma organização muito poderosa que é o tráfico de drogas."

* * *

"Vivi em Manaus e em Maceió, de onde tenho minhas primeiras memórias do carnaval. Aliás, me vestiram de Pierrô, uma coisa horrível, passaram maquiagem. Os homens, nos bailes de gala da época, botavam pinta no rosto. Um tio, por exemplo, que era um verdadeiro Don Juan, imitava Rodolfo Valentino e se vestia de sheik, devidamente maquiado pelas irmãs. O travestismo, a troca de gênero, sempre foi muito comum no carnaval de algumas cidades. Em Olinda há um grupo de rapazes que se traveste e ridicularizam as mulheres, numa verdadeira paródia."

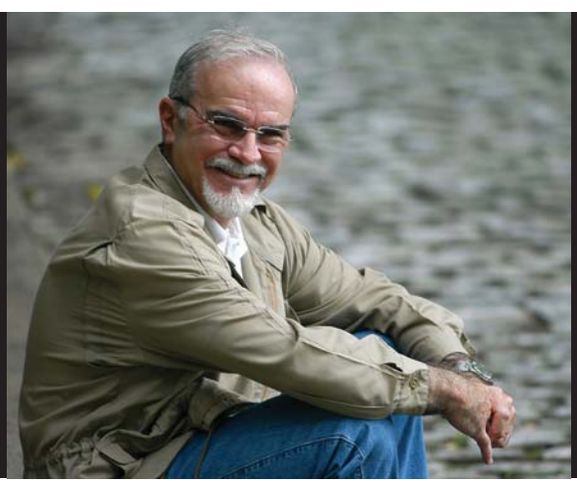
* * *

"Morar em Niterói é uma experiência diferente. É uma cidade marginal em relação ao Rio. Pertence ao Rio e não pertence. Você trabalha, mas não mora. Então, sempre tive uma visão um pouco oblíqua em relação à cidade. Quando eu tinha meus 18, 19 anos, vinha muito ao Rio para os bailes de carnaval. Municipal, Iate Clube. Mas naquela época não se desfilava em escola de samba. Era um outro carnaval. Depois virei marxista, cheguei à conclusão que o carnaval alienava e deixei de brincar por muitos anos. Coisa de faculdade, mas depois se fica mais velho e volta."

* * *

"O carnaval tem um leque de manifestações muito grande, desde o pequeno teatro de paródia, de sátira, que se pode fazer em qualquer lugar, até assustar a criança, com os "Clóvis". É

"Quando nos damos ao trabalho de fazer uma fantasia e sair para as ruas, estamos contribuindo para construir esta identidade, que tem a ver com liberdade, competição, participação livre. E até hoje é significativa. É uma leitura do Brasil muito interessante, de um país igualitário"



um momento de desregramento social, de um outro comportamento. E relatos de vários escritores e cronistas retratam esses momentos."

* * *

"O curioso é constatar que é uma festa que acontece todo ano, com uma presença tão forte quanto o Natal ou um evento cívico, mas que é esquecido até dois meses antes. É uma festa obrigatória, e não um feriado. As pessoas, duas semanas antes, é que começam a se perguntar o que vão fazer etc. Tem uma música bonita ("quando for bem velhinho/ hei de sentar na calçada /pra ver meu bloco passar"). Quem não brincava carnaval era velho ou doente. Todo mundo participava. Quando se conversa com os alunos daqui da PUC, que não fazem isto e estão confinados à Zona Sul, nunca foram ao Centro da cidade e fazem suas compras no shopping, acham que está se falando de algo que não existe."

* * *

"Quando nos damos ao trabalho de fazer uma fantasia e sair para as ruas, estamos contribuindo para construir esta identidade, que tem a ver com liberdade, competição, participação livre. E até hoje é significativa. É uma leitura do Brasil muito interessante, de um país igualitário. Nos Estados Unidos, em New Orleans, acontece exatamente o contrário: o carnaval, restringe, hierarquiza. O desfile é por ordem de fundação."

* * *

"O símbolo máximo do carnaval brasileiro seria talvez uma mulher nua, ou semi-nua, abraçando a todos. Esse feminino que é dadivoso, sedutor, erótico, atraente, que todo mundo pode tocar e chegar perto. Todo mundo brinca o carnaval abraçando uns aos outros, em congraçamento. E isto numa sociedade hierarquizada. Nos Estados Unidos, que é uma sociedade igualitária, o carnaval cria aristocracias. Festas fechadas, onde só entra quem for convidado e os homens não podem dançar."

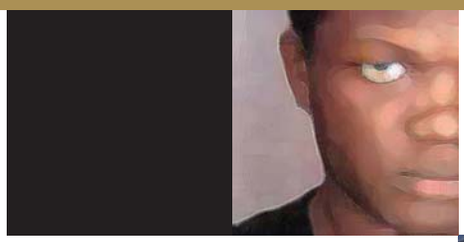
Brasil Rito e Ritmo. Aprazível Edições

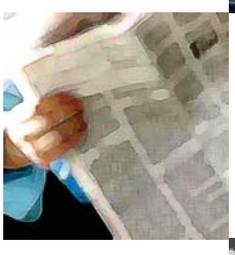
* * *

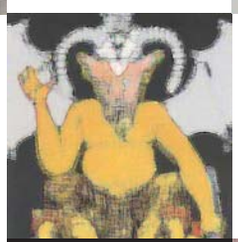
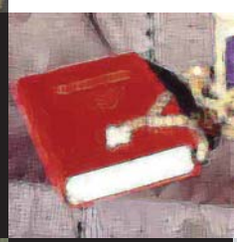
"Estou fazendo um grande trabalho sobre músicas que falam do carnaval. De Caetano Veloso, passando por Zé Kéti com "Máscara Negra", que é clássica. "Tanto riso, oh, quanta alegria/Mais de mil palhaços no salão..." Mesmo quando você quer apenas recitar, é quase obrigado a cantar. Também está na música o resgate, o diálogo com essa memória das pessoas que se encontram apenas no carnaval: "tá fazendo um ano/foi no carnaval que passou". E também Lamartine Babo, que é a grande definição do carnaval. "História do Brasil" (marchinha do carnaval de 1934) é uma letra de uma propriedade política, sociológica e cultural magnífica... "Quem foi que inventou o Brasil/? Foi seu Cabral!/Foi seu Cabral/No dia 21 de abril/Dois meses depois do carnaval"... Quer dizer, o Brasil é definido pelo carnaval e o carnaval é definido pelo Brasil."

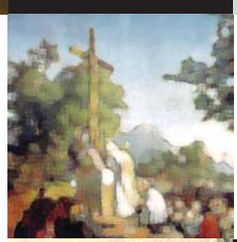
Poema do carioca doido

Nascido em Minas Gerais por acaso – e não por desejo – ensaísta, tradutor, dramaturgo, roteirista de cinema e televisão, autor de mais de duzentas letras de música e, antes de tudo, poeta. Geraldo Carneiro nos brinda com Manu Çaruê, uma deliciosa alegoria escrita para Wagner Tiso, em 1988, sobre um típico personagem do Rio. Jóia rara.







Manu Çaruê
anticidadão do avesso
do mundo

Brazil
marca de fantasia
Manu Çaruê
no fundo
vagabundo ex-matuto mulato
candidato a superstar
de jornal popular
O Dia A Notícia
Manu isca de polícia
destaque de luxo
office-boy
ex-amasiado com uma nega no Catete
aliás negão: Claudionor de Souza
ex-alcagüete
aliás Waleska
travesti de profissão
eu não sou cachorro não
Manu Çaruê no escritório
sonhando um piquenique em Pago Pago
com as deusas do Playboy
você não sabe como é que dói
Manu o playboy do escritório
imitando Mick Jagger no mictório
saiu do elevador
foi escorregando
escorregando
escorregou
CAIU NO COMPUTADOR

COMPUTADOR: Quem é você?
MANU: Manu Çaruê, office-boy, ao seu
dispor. E o senhor?
COMPUTADOR: Eu sou qualquer coisa que seja
o que eu sou.
MANU: Que diabo é isso?
COMPUTADOR: Diabo, não: Deus. Deuteronômio. Não
conhece a Bíblia?
MANU: Conheço de nome. Mas não estou ligando
o nome à pessoa.

Ao perceber os séculos de ignorância de Manu,
o computador parou de brincar de Deus e num
esforço informal informático paranormal
paradidático decidiu encenar a origem do
equívoco ou o equívoco da origem ou por outra:
a Primeira Missa do Brasil
(cena de Cabral e seu séquito explícito:
o escrivão Caminha escrevinhando
Manu Çaruê de sacristão
paramentado de púrpura por pura
falta de vergonha entre a figuração
colonial: índios indigentes índias
indolentes, as tais pin-ups com as
vergonhas saradinhas etc.)

MANU (celebrando a missa):
"Brasilles Pater omnipotens,
loca nocte sepulta
Horrifica humano saudantes
san guine terras.
Misit ab Arctois ultorem
criminis oris,
Criminis infandi ulrorem:
qui pelleret iras
Crudeles terra: qui funera
dira, cruentis
Perptrata modis,
comperesceret,
horrida sedians

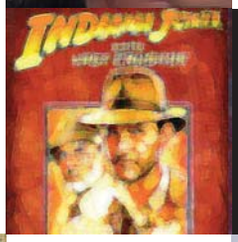
Bella, feros animus mulcens,
rabidisque cruorem
Rictibus humanu pasci
non ferret inultus."

INDIO 1
(indicando Manu)
"Mba' eréma Keét
imemwãimemwã?"
(LEGENDA:
"Pra que servem
esses gestos dele?")

INDIO 2
"Mba ' étaíba
mosembába "
(LEGENDA:
"Coisa ruim espanta dor."
INDIO 1
" A 'úkó peró murune."
(LEGENDA:
"Eu vou comer esse
português escroto.")

Batucada Minimalista
(o inconsciente cultural)
don't bite me
down beat me
don't beat me
down bite me

bit byte bit byte
byte bit byte bit
etc.

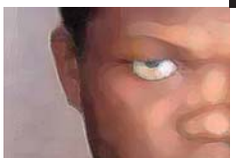


Manu Indiana Jones quase a ponto de dançar no primeiro baile antropófago transracial de Santa Cruz vulgo Brasil - de repente um disquete pintou no céu: não era o sputnik não era cy a lua: era o pássaro de fogo do príncipe Igor Strogoff talvez imperador da Stravínskia
Manu subiu no pássaro de fogo
foi voando
voando
voando e satou
caiu em cima de uma preta véia
de olho esbugalhado filha de Xangô

VÉIA: Urucubaca mangalô!
MANU: Não roga praga não, minha tia.
VÉIA: De opnde tu veio, coisa ruim?
MANU: Lá do céu.
VÉIA: Do céu? Então foi Oxalá que te mandou.
Êpa-babá, Êpa-bomila:babá-ebô.
MANU: Já que tu tens parte aí com as entidades, tia,
vê se decifra a minha sorte nos búzios.
VÉIA: Bobô-orixá, orixá-bobô. Tô te vendo
brilhando
mais alto que todo mundo. Tu vai ser
grande,
mo fio. Se escapar dessa, tu vai ser grande.
MANU: Escapar do quê, minha tia?

NISSO EXPLODIU UM ESTRONDO DE ESCOPETA

MANU: Que estralo é esse dos capeta?
VÉIA: Tu tá no Morro Santa Marta, mo fio.
Êpa-babá, Êpa-bomila: babá-ebô.



E assim dizendo a véia se mandou
sumiu no ar se escafedeu evaporou.

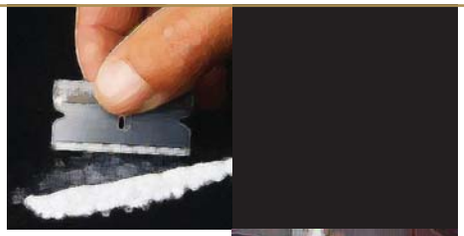
Manu cheirou uma fileira de pó de pemba e ganhou
coragem se enfiou num vestido de filha de Oxum
e desceu o morro cheia de não me toques no meio
do fogo e quando chegou ao rés do asfalto desabafou:

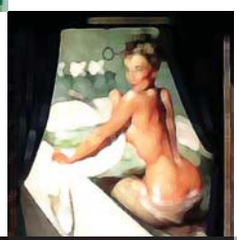
Eu, Manu, me demito
não tenho gás nem savoir-faire dee mito
já cortei um dobrado nesta história
e ainda nem sei que personagem eu sou
no bi or not to bit, computador.
como em resposta às tolices metafísicas
de Manu
surgiu Sulamita Stranhamor
directrice do cabaré informático la chinoise
18k de kama-sutra
tudo para delirantes donjuanescos
sodomitas piranhas
performáticas etc.
don't bite me
down beat me
don't beat me
down bite me
Sulamita submeteu Manu a seis semanas
de servidão sexual
oh maldito computador
quando escaapou à sanha neo-sibarita de Sulamita
Stranhamor, Manu não tinha mais alento nem talento
pra nada e por isso foi descoberto pela TV e escalado, na
maior descolada, para estrelar a novela Fogo sobre Nada

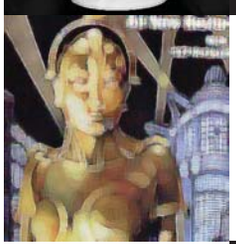
MANU: É hora de dizer adeus, Andréia Andróide.
Tenho mulher e filhos em Andrômeda.
ANDRÉIA ANDRÓIDE: Se tivesse lágrimas, Manu,
eu choraria. Mas o meu sentimental
software é made in Brazil.
MANU: Talvez seja melhor você encontrar um
andróide de sua série. Nós temos pouca
coisa em comum. Eu sou humano,
demasiado humano.
ANDRÉIA ANDRÓIDE: Que nada. Você é o meu über-
mensch. Digo meu super-homem.
MANU: Olha, Andréia, quando chegar ao fim dessa
odisséia, eu te embarco na minha time
machine e te levo pra conheceer os últimos
dias de Pompéia.
ANDRÉIA ANDRÓIDE: Manu... Você é tão romântico...
É uma pena... A minha força...
está acabando...
MANU: Promete que não deixa ninguém trocar a
sua pilha?
ANDRÉIA ANDRÓIDE: Eu aqui, sem pilha ... E você, com
a Andrômaca... em Andrômeda...
MANU: Olha que eu te largo na chuva, heim?
ANDRÉIA ANDRÓIDE: eu pro-me-to, Manu, eu pro-me-to...

E o capitão Manu, herói transformista e transgalático,
embarcou em sua nave prá subir ao céu no risco do
relâmpago: mas o foguete tropeçou na parabólica
do Shopping Xanadu e Manu virou foi anúncio de neon

B R A Z I L
(marca de fantasia)







Conversa de botequim

Tarde ensolarada no verão carioca. O advogado Francisco (Chico) Müssnich dá uma pequena pausa no dia-a-dia de um dos maiores escritórios do eixo Rio-São Paulo-Brasília para falar de uma outra paixão, que nada tem a ver com o Direito e os grandes negócios: o botequim e a baixa gastronomia. Se pudesse, Chico parava todo dia.

"O Jobi é uma extensão da minha casa. Sou freqüentador há mais de 20 anos e bato o ponto aqui duas vezes por semana"

O palco é justamente um dos templos da boemia da Cidade Maravilhosa, há quase 50 anos: o Jobi, no Leblon. Numa verdadeira elegia ao colesterol, depois de muitos chopes e bolinhos — tudo sem culpa, claro — está feito o depoimento de um legítimo carioca da gema.

Chico Müssnich nasceu na Gávea, passou outra parte da vida em Ipanema e hoje está definitivamente radicado no bairro que ele considera o mais transado do mundo. "No Leblon você encontra, no mesmo quadrilátero, desde o restaurante mais refinado, como o Antiquarius, até um boteco como o Jobi. Vai a pé ao cinema, ao teatro, a livrarias, a praças, sem falar na praia. Em nenhum lugar do mundo tem coisa igual. Só no Rio".

Não é coincidência, também, que a moradia fica, digamos, a uma caminhada do Jobi. "É, o

Jobi é uma extensão da minha casa. Já sou freqüentador há mais de 20 anos, e bato o ponto aqui duas vezes por semana."

O cardápio não é nada *light*, mas, sem dúvida, da melhor qualidade. Bolinhos de bacalhau e de Catupiry com carne seca. Sem falar no caldo verde. "O Paiva, garçom que é uma verdadeira instituição, também me traz sempre uma pizza bem gordurosa, aquela de queijo grudento, mas que é absolutamente deliciosa".

Chico é um fã do artesanal, do improvisado que é a marca registrada de um bom botequim. "Isto é o que dá o glamour. Não pode ter botequim onde não esteja faltando alguma coisa", ensina.

Quitutes do Sentaí, o Rei da Lagosta

Pausa para prestigiar a concorrência. Chico declara seu amor por atrações gastronômicas como as do Sentaí, o Rei da Lagosta, os bolinhos de aipim do Bracarense, o pastel de palmito do Alvaro's, o sanduíche de queijo com filé no pão francês do Bar Lagoa e os pratos do Adegão Português e do Rio Minho. Pequenas traições, porque ele volta sempre para os braços do boteco do Leblon.

"O bom freqüentador de um bar conhece o chope muito bem. E aqui no Jobi o chope é incomparável. Peço sempre o 'Robertinho', sem colarinho", completa ele, que se recusa a chamar o chope pequeno pelo diminutivo que lembra certo político fluminense.

Por falar em chope, Chico se confessa adepto fervoroso de um dos esportes dos freqüentadores de pés-sujos. "Aqui, onde o mais bobo tira a meia sem tirar o sapato, se disputa até quem pega mais bolachas de chope com a mão. Eu venci uma vez segurando trinta bolachas. E cada disputa valendo, claro, um chopinho." Pela quantidade de bolachas pode-se perceber que o esporte é levado a sério.

"Nessas mesas também já resolvi uma briga societária de uma empresa limitada, entre vários irmãos. Também aqui no Jobi acertei uma questão judicial envolvendo a dissolução de uma sociedade. Como também já consegui clientes." Com certeza nada disto foi tema das aulas em Harvard, onde Müssnich fez seu mestrado.

Mas a preferência de Chico Müssnich é, como se fosse uma versão século 21 de Nélson Rodrigues, assistir anonimamente ao desfile de personagens da vida como ela é — no boteco.

"Gosto mesmo é de ficar em pé no balcão, e para escutar muito mais do que falar. É uma maravilhosa fonte de idéias, ao assistir o comportamento de pessoas dos mais diversos tipos. Ou seja, tudo o que um advogado precisa.

Chico Müssnich é um fã do artesanal, do improvisado que é a marca registrada de um bom botequim. "Isto é o que dá o glamour. Não pode ter botequim onde não esteja faltando alguma coisa", ensina.

Na verdade, não conheço melhor forma de democracia do que o pé-sujo. É o verdadeiro espelho da sociedade."

E histórias não faltam. "As que assisti aqui vão desde traição de mulher até aquele que preencheu o cartão da mega-sena, não jogou e depois viu os números todos sorteados... Também vi um freqüentador levar quatro horas para acender um charuto. Estava bêbado, é claro." E ainda, o desfecho da briga de um casal amigo. "Ela lascou uma bofetada que deixou literalmente os dedos pintados no rosto dele."

O entra e sai de figuras famosas é ininterrupto. Um ex-presidente do Banco Central chega, abraça Chico é convidado a sentar-se. Sem muita convicção, diz que não pode, tem reunião no escritório e vai embora antes de cair na tentação.

Pouco depois, junta-se à mesa o também advogado Marlan de Moraes Marinho Jr., que entre os clientes tem o Vasco de Eurico Miranda. Conversa vai, conversa vem e, depois de alguns chopes, bolinhos diversos, risolis e empadas, conta a história de um grupo, a maioria advogados, que se reúne todos os anos para uma boa confraternização etílica.

Uma delas foi realizada em uma fazenda em Araras. De repente, no auge do levantamento de copos, um deles vai à varanda e se depara com um elefante andando tranqüilamente a algumas centenas de metros adiante. Fica quieto, e não passa recibo. No fim da noite, um dos convivas se descontrola e fala: "não agüento mais, vou falar! Vocês também viram um elefante?".

Todos tinham visto, até porque, era de verdade. O dono da fazenda teve como cliente um circo, e negociou o pagamento de dívidas através da penhora dos animais. O elefante ficou por último.

Mais conversa de botequim, e vem outro "causo", este envolvendo um famoso cientista político. Amigos, bebidas, porre, e ele apaga no banco de trás do carro de um dos colegas de copo. Acorda sozinho, pega o carro e sai direto para uma casa de massagens. É dado como seqüestrado, e na manhã seguinte, quando a família toda reunida em casa, em polvorosa, chama um especialista em seqüestros para orientar no caso, um dos filhos que está na janela pergunta: "aquele não é o papai?"

Estava chegando acompanhado de, digamos, algumas funcionárias do estabelecimento onde passou a noite. Uma delas, péssima motorista, trouxe o carro amassando outros pelo caminho. O suposto seqüestrado desce, olha pra cima, vê aquele monte de familiares à janela e pergunta feliz, ainda do alto de sua bebedeira: "Ué, tem festa em casa?"

Mania de especiaria

Ervas medicinais, aromáticas, místicas, de toucador... A mania pelas especiarias parece ter contagiado o carioca. Urucum, coentro, tomilho, colorau, arruda, manjericão, alecrim, curry... Por onde quer que se ande, esbarramos com barraquinhas, prateleiras ou plásticos estirados no chão com o multicolorido desses ingredientes transformados em primeira necessidade. Carioquice, que não vende gato por lebre, vai direto aos templos desses temperos do dia-a-dia e mostra a verdadeira rota das especiarias.

Mercadão de Madureira: condimentos raros

Ervas e especiarias são uma coqueluche em feiras, mercados ou *delicatessens*. A granel, embaladas ou em potes de conservas. Como o cliente preferir. Lá estão, em perfeita harmonia de aromas e sabores, pimenta, funchos, ramos de louro, alecrim, salsa ou cerefólio. É só escolher. Mas somente em recintos e espaços públicos com a nobreza e tradição cariocas é que o desbravador poderá encontrar todo o requinte do contraste das cores, da diversidade, do perfume e do exotismo dessa verdadeira coleção de ervas centenárias.

Em Benfica, o mercado Cadeg é o local onde os colecionadores de aromas reabastecem a despensa. Ainda na Zona Norte, o Mercadão de Madureira tem a Rio Flora e seus cerca de 300 produtos, nacionais e importados. Lá é possível achar desde condimentos raros como o zattar, comprado diretamente da Índia, até a pimenta nossa de cada dia. "Chego a vender de seis a sete quilos por dia dos temperos mais usuais, como urucum e pimenta", conta o sócio-gerente Antônio Carlos Rodrigues.

Alecrim

Os gregos acreditavam que um galho desta erva entre os dedos dos mortos era o passaporte para a imortalidade. Para os vivos, estimulava a memória. Além de temperar carnes e pães, é usado também no vinagre balsâmico.

Aneto

Também conhecido como "dill", essa erva tem sabor doce e suavemente picante. Para os feiticeiros medievais, suas sementes "revelavam caminhos". Usado em molhos, doces e licores.

Anis-estrelado

Com sabor parecido ao da erva-doce, o verdadeiro anis pode substituí-lo em pratos doces e salgados. É usado, ainda, em licores e no absinto.

Canela

Simbolicamente, a canela é uma especiaria ligada ao amor. É comercializada em rama (pau), raspas e pó. Na culinária, é usada para condimentar alguns tipos de carne, no preparo de doces e bebidas quentes como chocolate e café.

Manjericão

Tem cerca de 60 espécies espalhadas pelo mundo. Na Índia, não é usada como tempero por ser considerada uma erva sagrada. Os italianos acreditam que tem poderes protetores. É usada em azeites, vinagres e no molho pesto.

Louro

Símbolo de vitória, na tradição grega, atletas, reis e guerreiros eram homenageados com coroas feitas desta erva. É da mesma família da canela, cássia e cânfora. Tempero utilizado em molhos, sopas e no feijão.

Noz-moscada

Ficou conhecida nas mesas ocidentais a partir do século XVI, com a conquista do monopólio de seu comércio nas Ilhas Molucas pelos portugueses. Empresta sabor adocicado a molhos, sopas, carnes e biscoitos. Em grandes quantidades, tem efeito alucinógeno.

Páprica

Tem efeitos antiinflamatório, digestivo e estimulador da circulação sangüínea. É usada para condimentar molhos, vinagres, carnes e saladas. A páprica vermelha é adocicada e a verde, mais picante.

Casa Pedro: tradição no Centro do Rio

Na Zona Sul é só passar na Cobal, que oferece duas opções: Box 50, do especialista Carlos Boquinha, e o 69, onde funciona a Louro Verde do espanhol Adelino Pinheiro. O mestre não só vende especiarias, mas ainda compartilha receitas com fregueses. E a tradicional Casa Pedro tem quatro filiais espalhadas pela cidade. A da Rua Buenos Aires é parada obrigatória de Rodolfo Bottino, que toda semana passa por lá para comprar as especiarias que utilizará no programa "Gema Brasil", da Rede Brasil. "Não pode faltar na minha cozinha pimenta-do-reino, salsinha e noz moscada", conta.

A noz-moscada fundamental para o molho Béchamel de Bottino tem dotes que extrapolam a esfera gastronômica: em altas doses, tem efeito alucinógeno. Já em 1575, registrava-se a overdose de uma inglesa, causada pela ingestão de dez a doze unidades da inebriante especiaria originária das Ilhas Molucas. "A noz-moscada a gente tem sempre que dosar muito, porque ela dá um barato danado. Desconfio até que muita gente vá para Báli porque lá é o paraíso da noz-moscada", brinca a arqueóloga e historiadora Fer-

Fernanda de Camargo-Moro, arqueóloga e historiadora

Barraca do Baiano, no Largo da Carioca: produtos direto do sítio

nanda de Camargo-Moro, autora de livros como "Arqueologias Culinárias da Índia".

A chef do restaurante Quadrifoglio, Silvana Bianchi, abre uma exceção aos grandes templos e dá uma dica prosaica e globalizante de qualidade: "Na delicatessen Candy, na Barra da Tijuca, encontro um *curry* da Inglaterra que fica ótimo nas massas que preparo", diz. Mas Silvana também não relega o chamado "Rio profundo" e costuma garimpar na feira da rua Frei Leandro, no Jardim Botânico. "Adoro ver as ervas e especiarias nas barracas".

Banho de manjericão

O uso de ervas extrapola os domínios culinários. A tradição popular encontra nas ervas cura para todos os males. No Largo da Carioca há 15 anos, a barraca do Baiano já é referência. Maria Célia Campos da Silva recebeu a dica de uma amiga e foi lá procurar erva macaé. "Limpa o fígado e também é boa para o estômago", explica. Baiano aconselha a levar losna. "Se é mal de fígado, melhor não tem", ensina. Por apenas R$ 2, Maria Célia leva o ramo, confiante no resultado.

Baiano abastece sua barraca com produtos plantados em seu sítio, em Cachoeira de Macacu. Origem mais controlada impossível. Além de ervas frescas, o atrativo da barraca de número 89 são misturas para fins diversos, preparadas pelo dono. Da "erva diet" — que promete acabar com celulite e aquela barriguinha — à "garrafada sexual", que leva catuaba, jatobá *y otras cositas más*. No entanto, a campeã de vendas é a "erva para banho", também conhecida como "abre-caminho", "tira-feitiço" e "desata nós". Como cantava João Nogueira em "Banho de Manjericão", "tem as ervas que abrem os caminhos do cristão".

Pimenta

A especiaria, que reina absoluta em garrafinhas espalhadas por todo boteco que se preze, tem família vasta: são mais de seiscentas espécies catalogadas mundo afora. No Brasil há cerca de cem, como a dedo-de-moça e a de-cheiro. À época do Descobrimento, era a especiaria mais valiosa.

Tomilho

Na Idade Média era considerada a erva da coragem. Seu nome – *thymus* – significa força. No século XVII, os europeus creditavam-lhe poderes mágicos, que permitiam ver fadas. Certo é que garante sabor cítrico a carnes.

Urucum

É a contribuição brasileira ao universo das especiarias. As sementes vermelhas, com as quais os índios tingiam a pele nos dias de festa, acabaram chegando à mesa. Além de colorir os pratos com uma tonalidade avermelhada, ainda empresta-lhes um sabor acre.

aquele outro abraço

Gilberto Gil
Ministro da Cultura

O Rio de Janeiro continua lindo. É irreversivelmente lindo. Por sua paisagem, geografia, os elementos matrizes da cultura, a Zona Sul, a Zona Norte... Tudo isso faz sua beleza profunda. Profunda e mutável, no sentido que a própria transformação de suas paisagens urbana e humana vai renovando essa beleza.

Eu e o Rio desenvolvemos uma afetividade muito especial. Talvez por ter sido a primeira capital que eu conheci fora da Bahia. Isso foi em 1959. E até hoje a primeira coisa que vem à cabeça quando penso no Rio é a Bossa Nova, que tem muito a ver com a minha chegada. Minha primeira relação com a cidade foi totalmente musical. A Penha, reduto de Baden Powell, Copacabana e seu Beco das Garrafas, o Centro e o Amarelinho. O Rio sempre foi a cidade que eu gostava de vir.

É a capital de todo mundo, a capital do Brasil. É uma cidade-símbolo, por ter sido capital num momento em que o país se consolidava, formava uma identidade própria perante o mundo. Era a cidade da modernidade, por onde entra o Brasil moderno. O Rio tem essa coisa única, um processo seu, diferenciado, que acaba não sendo seu, pois é apropriado pelo país inteiro.

Uma cidade formada por muitos ângulos, mas que tem nas pessoas a dimensão completa de sua carioquice. É a fala carioca o primeiro traço distintivo do Rio. A carioquice vai do modo de falar até os temas dos quais se fala, desdobrando-se no gestual e no jeito de andar. O carioca se arvora em interpretar uma forma brasileira de gestos. Isso vem do samba, que ajudou o Rio a se coreografar, a entender sua postura.

O Rio também é a cidade à beira-mar das classes médias, das classes dirigentes no asfalto, cercada de favelas, de gente que veio para a Guerra do Paraguai e na volta foi ocupando os morros. Ao longo da história, viu-se um intenso processo de aproximações, distanciamentos e trocas. E o Rio de Janeiro continua sendo.

É o Rio de Janeiro, fevereiro e março. Alô, alô, DJ Marlboro — aquele abraço! Alô, Alô, Afro-Reggae — aquele abraço! Aquele abraço para essa capacidade que o Rio tem de se refundar a cada dia e celebrar a miscigenação carioca, o encontro do asfalto com a favela, da Zona Norte com a Zona Sul. Essa habilidade de renascer, de se reconstruir socialmente, é carioquíssima. E é esse Rio que desloca o Brasil simbólica e subjetivamente, com a ala das baianas na retaguarda, tomando conta.

Os melhores resultados das ações da Vale nem sempre estão na Bolsa de Valores.

ntas ações da Vale tem uma que ajuda a garantir uma das maiores rentabilidades do mercado. A ação de desenvolvimento. dades da Companhia Vale do Rio Doce criam oportunidades de desenvolvimento em mais de 450 comunidades de dos brasileiros. A Vale é geradora de mais de 30.000 empregos diretos e indiretos e responsável pela capacitação s empregados. Além disso, todos os seus projetos são desenvolvidos em total harmonia com o meio ambiente.

a maior mineradora diversificada das Américas, presente em quatro continentes abastecendo o mercado com produtos origem a uma infinidade de objetos presentes no dia-a-dia de milhões de pessoas. A Vale é a maior operadora de serviços tica do Brasil e a maior produtora de minério de ferro e pelotas. É também uma das principais produtoras de manganês, , bauxita, alumina, alumínio, potássio, caulim e cobre, o que faz dela uma empresa de mineração diversificada e global.

rd.com.br

Companhia
Vale do Rio Doce

ESSA É A NOVA.

NOVA SCHIN